Introdução

A cidade do Rio de Janeiro foi surpreendida naquele primeiro final de semana do mês de dezembro de 1976. A surpresa não se deveu à classificação do Fluminense para as partidas decisivas válidas pelo Campeonato Brasileiro de futebol daquele ano. Afinal, o time tricolor que chegava às semifinais comandado por Rivelino já havia se sagrado bicampeão estadual no mesmo ano, conquistando a hegemonia entre os clubes cariocas, e recebia a alcunha sugestiva de *A Máquina*, em sucessão, no plano nacional, à legendária *Academia*, liderada pelo jogador do Palmeiras Ademir da Guia. O fato inusitado que extravasou as páginas dos noticiários esportivos locais naquele fim de semana e que alvoroçou boa parte da imprensa nacional dizia respeito à vinda da equipe adversária, o Corinthians Paulista, mais precisamente, à movimentação desencadeada pela chegada da sua torcida à cidade.

A afluência massiva dos torcedores de São Paulo ao Rio, entretanto, nada tinha de inesperada ou surpreendente, caso se leve em consideração o incentivo dos meios de comunicação na promoção do jogo. O evento vinha sendo urdido desde o início do campeonato, com o acompanhamento de um clube de extração popular que vivenciava o drama de mais de vinte anos sem a obtenção de um título em nível estadual ou nacional, situações por que iriam passar também outras equipes, como o Botafogo do Rio, na década seguinte. Parte significativa dos jornais e das rádios paulistas, empenhada na dramatização do espetáculo, dava ao acontecimento colorações místicas, com a cobertura da cruzada dos *fiéis alvinegros* pelas estradas do país, em viagens que perfaziam milhares de quilômetros[1] e que se intensificavam à medida da aproximação de seu término. Ao todo, de acordo com jornais e revistas da época, a série de

[1] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1976, p. 2. Cf. também ISTOÉ. São Paulo: Dezembro de 1976.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

viagens dos corintianos que saíam de São Paulo e iam a Recife, ao Rio de Janeiro e a Porto Alegre, entre outras capitais, percorreria mais de oito mil quilômetros (8.340 km).

Embora ainda fosse a penúltima etapa a separar o Corinthians da almejada conquista, o Rio de Janeiro parecia ser a culminância da jornada, a de maior impacto e repercussão, uma vez que as duas cidades constituíam o principal eixo esportivo e midiático do país. Desde o primeiro dia daquele mês de dezembro, uma quarta-feira, cronistas como Nelson Rodrigues já registravam a circulação de corintianos pelos pontos turísticos da cidade, seja em Copacabana, seja na Vista Chinesa[2]. A expectativa de uma competição entre as torcidas do Fluminense e do Corinthians assemelhava-se à própria atração reservada às duas equipes em campo. O clima de disputa acirrava-se com a iniciativa inusitada do presidente tricolor, Francisco Horta, que em tom de desafio e escárnio enviara durante a semana em torno de quarenta e cinco mil ingressos a São Paulo.

A resposta à provocação podia ser percebida a cada dia, à medida que mais e mais corintianos eram vistos a perambular pela cidade. Mobilizavam-se em caravanas, por conta própria ou mesmo sob os auspícios do governo de São Paulo, que liberara uma parte da frota metropolitana de ônibus para os torcedores de seu estado. Locomoviam-se também de carro, de trem, de avião e até de motocicleta. Embandeirados, cruzavam a orla da Avenida Atlântica, do Leme ao Ponto Seis, e se concentravam festivamente em frente ao luxuoso Hotel Nacional, em São Conrado, inaugurado no início da década de 1970, onde a delegação do Corinthians estava hospedada. Se não era possível mensurar o número exato de corintianos presentes, constatava-se que na Avenida Vieira Souto, em Ipanema, de cada seis carros um tinha placa oriunda de São Paulo[3].

Na véspera do jogo, o principal diário esportivo da cidade destacava o esboço de reação da torcida local: "Galera do Flu protege o Corcovado"[4]. Os dois representantes de torcida do Fluminense, dona Helena Lacerda, da Fiel Tricolor, e Sérgio Aiub, da Organizada Jovem-Flu, preparavam-se para impedir

---

[2] Cf. RODRIGUES, N. "Bom dia". In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1976, p. 16.
[3] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1976, p. 16.
[4] Cf. Id. Rio de Janeiro 04 de dezembro de 1976, p. 16.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

a promessa feita pelo líder corintiano Tantã de hastear uma imensa bandeira alvinegra em um dos pontos mais emblemáticos do Rio. "– Os paulistas estão chegando"[5], era o comentário que se veiculava na cidade, em paródia a uma música conhecida na época, com os cariocas ainda um pouco atônitos em meio à algazarra promovida nos bares e nas praias por aqueles a quem seus estereótipos mais arraigados e irônicos só atribuíam a seriedade e a disciplina do trabalho. A seção *Flashes*, do *Jornal dos Sports*, complementava: "Espalhados pela Zona Sul desde as primeiras horas da noite de sábado, os corintianos começaram a chegar ao estádio por volta das oito horas da manhã."[6].

Por fim, naquele domingo do dia cinco de dezembro, a partida, de baixo nível técnico e transmitida em cadeia nacional de televisão para todo o Brasil, seria vencida nos pênaltis pelo Corinthians, após um empate no tempo regulamentar. A chuva torrencial que caíra ao longo de todo o jogo não impediu a torcida visitante, endossada pela adesão de numerosos rubro-negros e vascaínos, de ocupar quase metade do anel das arquibancadas do Maracanã. No dia seguinte, o deslocamento extraordinário dos torcedores paulistas – as estimativas mais exorbitantes referiam-se a setenta mil corintianos[7] –, fato raras vezes registrado na história do futebol, mereceria atenção por parte da mídia sob títulos chamativos como "A invasão da alegria" e "Fiel chegou ao Rio cheia de amor para dar"[8]. Um hoje desconhecido cronista, Duarte Gralheiro, não apenas refletia como interpelava aqueles que segundo ele deveriam estar a estudar a matéria: "O espetáculo de ontem não foi apenas a luta de duas equipes. Além das personagens convencionais, estava ali a mais fascinante de todas as estrelas: uma população de 150 mil pessoas. Onde está o historiador deste fenômeno, o Fernão Lopes destas ondulações trêmulas e fascinantes de criaturas humanas ?"[9].

Com efeito, convocados pela grande imprensa, os até então céticos e recalcitrantes estudiosos das ciências sociais brasileiras não tardariam a

---

[5] Cf. NEGREIROS, P. L. **A invasão corintiana**. São Paulo: Mimeo, 2004, p. 5.
[6] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1976.
[7] Segundo a revista esportiva *Placar*: "Eram 70.000 corintianos no Rio. Um susto. Mas terminou num piquenique e num carnaval". Cf. PALCAR. São Paulo: Editora Abril, 17 de dezembro de 1976, n.º 349, p. 34-38.
[8] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 1976, p. 04.
[9] Cf. **ibid**. Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1976, p. 12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

aparecer e a tentar analisar o "fascinante fenômeno" das multidões esportivas. Se desde pelo menos a Copa de 1974 o antropólogo Roberto DaMatta, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, já considerava o futebol um legítimo objeto de estudo científico e invertia o tradicional menosprezo da intelectualidade em relação aos esportes em um instrumento profícuo de análise da realidade social brasileira, aquela manifestação em específico ainda não havia merecido uma atenção maior por parte da nova geração de estudiosos formada no Museu Nacional do Rio de Janeiro ─ Simoni Guedes, Arno Vogel, Luís Eduardo Soares, Luís Felipe Baeta Neves e Ricardo Benzaquen de Araújo ─ que integraria o futebol ao campo de estudos da florescente antropologia urbana no Brasil[10].

Mas, no fim de semana subseqüente à propalada *invasão corintiana*, quando o clube paulista começaria a disputar a decisão do Campeonato Brasileiro de 1976 contra o Internacional de Porto Alegre, o *Jornal do Brasil* estamparia na primeira página do seu então ainda prestigioso *Caderno B* uma importante reportagem assinada pelo cientista político Bolívar Lamounier e pelo sociólogo Sérgio Miceli, com dois artigos acerca do tema intitulados respectivamente *A comunidade dos estigmatizados* e *Os que sabem muito bem que estão lá embaixo*. Este último autor, inclusive, enquanto terminava sua pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo[11], viria a ser contratado pelo jornal para uma reportagem especial sobre as torcidas organizadas. Ele acompanharia de ônibus a viagem da maior torcida organizada do Corinthians, em uma caravana de São Paulo ao Rio Grande do Sul, que reuniria em vinte e cinco ônibus cerca de mil integrantes da facção para a final.

De suas observações circunstanciais de repórter bissexto e de suas pioneiras tematizações sobre o futebol nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em encontro ocorrido sob grande tensão

---

[10] Cf. DAMATTA, R. "Brasil: futebol tetracampeão do mundo". In: **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1994, n.º 1. Cf. também Id (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. No ano de 1974 também, vem a lume o primeiro trabalho acadêmico consagrado ao tema, oriundo do departamento de Letras. Cf. FERNÁNDEZ, M. do C. L. de O. **Futebol - fenômeno lingüístico**: análise lingüística da imprensa esportiva. Rio de Janeiro: PUC; Editora Documentário, 1974.

[11] Cf. MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979. Em 1972, Sérgio Miceli havia publicado uma tese de mestrado com uma análise da influência da televisão e dos *mass media* no Brasil, a partir de programas de auditório como os apresentados por Hebe Camargo. Cf. Id. **A noite da madrinha**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

política em Brasília no mês de julho de 1976[12], Sérgio Miceli extrairia as reflexões para o primeiro ensaio de que se tem conhecimento dedicado ao tópico, sob o título de *Os Gaviões da Fiel*[13]. Ao identificar os valores, as práticas e as representações desta agremiação, e do corintiano de uma maneira geral, à luz dos ensinamentos da *sociologia da religião* de Max Weber e do *poder simbólico* de Pierre Bourdieu, o sociólogo colocava-se em uma posição de defesa perante uma manifestação cultural que a seu ver fugia à lógica dos padrões de consumo dominante e que passava ao largo da capacidade de entendimento dos detentores da cultura erudita, dos meios de comunicação de massa e de inúmeros intelectuais. De acordo com o autor, aquela organização nada tinha de amorfa ou espontânea, possuía, ao contrário, uma complexa morfologia social, somada a critérios de admissão, a memória coletiva, a capital de saber próprio, a formas de hierarquia e de solidariedade que lhe asseguravam reprodução, identidade e autonomia.

A avaliação positiva creditada à agremiação, flagrada em uma nítida postura de resistência do autor contra o "etnocentrismo de classe"[14], talvez possa ser compreendida de modo mais adequado caso se considere o contexto de emergência das torcidas organizadas naquele momento. Surgidos em fins da década de 1960, à sombra de uma nova etapa de expansão do futebol profissional e do estabelecimento de um torneio de alcance nacional, que se potencializava com o advento da televisão na emissão ao vivo das partidas, *Os Gaviões da Fiel* constituíam um embrionário agrupamento que estabelecia as bases para um novo tipo de associação e organização no interior do futebol. Inicialmente distanciados e dissidentes do clube, reclamavam a si o direito de representatividade, de participação e de pressão sobre uma administração considerada autoritária – o presidente Wadih Helú, além de deputado estadual

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

[12] No ano seguinte, em 1977, Sérgio Miceli também apresentaria trabalhos na SBPC com o tópico "Futebol e política cultural", de onde resultariam dois artigos para a revista *Istoé*: "A força política que vem das arquibancadas" e "Corinthians. E o pão ?". Cf. REVISTA ISTOÉ. São Paulo, 14 de setembro de 1977, n.º 38, p. 48-50. Cf. também Id. São Paulo, 12 de outubro de 1977, n.º 42, p. 12-16.

[13] Cf. Id. "Os Gaviões da Fiel: torcida organizada do Corinthians". In: **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro: s.e., 1978, abril / junho.

[14] Cf. Ibidem, p. 46.

pela Arena, estava há quinze anos à frente do clube – e passível de questionamento por segmentos sociais externos a ela[15].

A fundação dos *Gaviões da Fiel* remontava ao ano de 1969, por iniciativa de um grupo de jovens torcedores, alguns deles estudantes, em um período crítico da história do clube e em uma fase tida como a mais repressora da ditadura militar no Brasil. Um dos fundadores, Flávio de La Selva, estudava direito na USP e participara das mobilizações estudantis de 1968 em São Paulo. Segundo ele, em nenhum momento o grêmio havia sido pressionado ou investigado diretamente pelo DOPS, mas se sabia da presença infiltrada de membros da polícia política na torcida[16]. Seria apenas no decênio posterior, em fins dos anos de 1970, quando Sérgio Miceli lançava seu ensaio, que as torcidas de futebol começavam a ganhar vulto para além dos estádios, graças também, como sugeria o sociólogo, à sua circulação e movimentação em território nacional[17], na esteira das viagens em apoio ao time. Ainda que não postulassem qualquer projeto ou ambição política extra-esportiva mais abrangente, esses grupos encontravam-se em consonância com o novo fluxo de vida associativa encarnado pelos movimentos sociais que pouco a pouco voltavam a se revitalizar nos bairros, nas fábricas, nas igrejas, nas universidades e em outros ambientes civis. Tratava-se assim da afirmação de uma instituição de caráter popular e sob essa perspectiva deveria ser valorizada pelos sociólogos.

A simpatia pelas torcidas de futebol e a sua vinculação ao processo político-cultural da sociedade brasileira seria enfatizada por outros autores. O jornalista esportivo Juca Kfouri, então redator-chefe do mais influente semanário esportivo do país, a revista *Placar*, da poderosa Editora Abril, proprietária do maior complexo gráfico e editorial da América Latina[18], corroborava tal tipo de visão, com o aval de quem havia se formado em Comunicação e em Ciências Sociais pela USP: "Não terá sido por acaso, só

---

[15] Cf. Ibidem, p. 46 e 47. Cf. também TOLEDO, L. H. de. "A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer". In: COSTA, M. R. da. (et al.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 151.

[16] Cf. CÉSAR, B. T. **Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo**: ou o duelo. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / UNICAMP, 1981, p. 99 e 102.

[17] Sérgio Miceli cita o exemplo do motorista de caminhão como um dos possíveis fatores que contribuíram para a dispersão da torcida corintiana pelas diversas regiões brasileiras. Cf. MICELI, S. **op. cit.**, p. 44.

[18] Cf. ABREU, A. A. de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

como um exemplo qualquer, que a primeira faixa pela Anistia no Brasil a aparecer para um grande público tenha sido desfraldada exatamente no meio da torcida corintiana, numa partida contra o Santos, no Morumbi com mais de 110 mil pessoas, dia 11 de fevereiro de 1979."[19]. Ainda sob a euforia da conquista do título estadual pelo Corinthians contra a Ponte Preta, a recém-lançada Revista *IstoÉ*, criada pelo editor Mino Carta na estratégia de concorrência com a hegemonia da *Veja*, de onde saíra por desavenças quanto à falta de liberdade editorial[20], ofereceria espaço para que outros acadêmicos destacassem a grandeza do feito corintiano e para que exaltassem a comemoração da sua torcida, tal como fazia a crítica literária Walnice Nogueira Galvão em seu artigo *A Fiel e sua plenitude*[21].

O primeiro trabalho científico sistemático sobre torcidas organizadas de que se tem notícia nas universidades brasileiras apareceria no início da década de 1980. A dissertação de mestrado de Benedito Tadeu César, defendida no departamento de Antropologia Social da UNICAMP, sob orientação de Rubem César Fernandes, intitulava-se justamente *Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo: ou o duelo*. Por um lado, ela atestava a particular notoriedade lograda por esta associação em específico que em termos quantitativos, qualitativos e estruturais suplantava o estágio de desenvolvimento de qualquer outra das suas congêneres; por outro, indicava o prosseguimento e o aprofundamento da reflexão levada a cabo, no final da década anterior, pelos intelectuais que se manifestavam a este respeito nos órgãos impressos. Isto porque, conquanto a tese do antropólogo datasse de 1981, os seus resultados derivavam de uma pesquisa de campo empreendida no segundo semestre de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

---

[19] Cf. KFOURI, J. **A emoção Corinthians**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 36. O ex-presidente dos Gaviões da Fiel, Douglas Deúngaro, confirma a informação: "Numa época de ditadura a Gaviões foi a primeira entidade que abriu uma faixa – 'anistia ampla e irrestrita' – para cem mil pessoas. Na época o pessoal que estava saindo do país veio pedir para a Gaviões, porque eles aceitaram a idéia Gaviões. Eles disseram que ninguém tinha coragem de abrir uma faixa para cem mil pessoas: 'vocês vão ter que abrir' e os Gaviões compraram a briga. (...) Na época foi todo mundo para o banquinho do Doi-Codi. O presidente na época era o Julião e os policiais vieram aqui e pegaram todo mundo. Ninguém tinha feito isso na época da ditadura, então, os Gaviões eram uma força diferente das outras torcidas.". Apud SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004, p. 84.

[20] Cf. MUNTEAL, O.; GRANDI, L. **A imprensa na história do Brasil**: fotojornalismo no século XX. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Desiderata, 2005, p. 139.

[21] Cf. GALVÃO, W. N. "A Fiel e sua plenitude". In: **Isto É**. São Paulo: Editora Abril, 1977, n.º 44, p. 73.

1977 e no primeiro semestre de 1978, a coincidir temporalmente, portanto, com o interesse suscitado entre os autores acima referidos pelo assunto[22].

A introdução desse objeto no interior da Academia não ocorreria sem dificuldades e desafios teóricos[23]. O autor deveria pensá-lo sob as lentes do aparato conceitual legado pelo marxismo e sob a vigência do instrumental de análise consolidado nas Ciências Sociais brasileiras no decurso da década de 1970. A escolha daquele excêntrico fenômeno, passível de risadas dos colegas mestrandos, pois ainda destituído de tradição acadêmica, deveria encontrar um sentido que o orientasse e o justificasse no meio. Para tanto o autor, dividido entre os pressupostos que embasavam ora a antropologia funcional-estruturalista ora a sociologia marxista, optou por articular a tese em duas partes, combinando as duas matrizes teóricas. Assim, uma acentuava os aspectos descritivos, enquanto a outra, os analíticos.

A primeira parte apresentava um extenso relato, com linguagem fluente e acessível, em que sobressaíam os minuciosos apontamentos do diário de campo de um pesquisador que se deslocara de Brasília, sua cidade de origem, e de Vitória no Espírito Santo, onde lecionava, para São Paulo, no intuito de assistir às partidas finais do campeonato estadual de 1977. A narrativa conduzia o leitor pelos meandros mais obscuros e menos conhecidos do universo em questão, na tentativa de reconstituir com maior fidedignidade possível o ambiente e o envolvimento emocional do autor na interação com os *gaviões*. A observação participante – distendida integralmente em uma seção com mais de cem páginas – impressionava pela capacidade de transmitir em cores vivas a experiência etnográfica vivenciada no cotidiano dos componentes do grupo. A imersão no campo permitia-lhe desde a freqüência à sede, às reuniões de admissão dos novos membros e aos bate-papos informais, até a observação do comportamento do grupo nos jogos, nos meios de transporte e nos enfrentamentos físicos mais diretos com a polícia e com as torcidas adversárias, retratando a crueldade das brigas de modo frontal e, por vezes, chocante.

[22] É digno de nota que nesse mesmo período dois documentários de curta-metragem focalizariam a torcida corintiana, um deles os Gaviões da Fiel em específico. Cf. RODRIGUES, L. **A Fiel**. São Paulo: 1977. Cf. também KLOTZEL, A. **Gaviões**. São Paulo: 1982.

[23] O pioneirismo do trabalho pode ser aferido pelo fato de se situar aquém do período considerado como inicial para uma análise acadêmica de conjunto acerca do futebol no Brasil, tal como o fez o antropólogo Luiz Henrique de Toledo. Cf. TOLEDO, L. H. de. "Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)". In: **BIB** – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo: EDUSC, 2001, nº 52.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Benedito Tadeu César aproximava a metodologia de seu relato à "técnica descritiva" e às "análises situacionais" propostas por Max Gluckman, em que se reproduz com mais fidelidade possível e com maior riqueza de detalhes toda a situação vivida no campo. Diga-se de passagem, quando da leitura do referido trabalho, o caso similar que ato-contínuo me veio à mente foi a descrição dos sustos e dos sobressaltos por que passou Clifford Geertz em meio à assistência de uma briga de galos em Bali, prática então proibida pela polícia da Indonésia, onde, na companhia de sua mulher, teve de correr em disparada e se esconder da repressão policial local[24].

Já a segunda parte do trabalho dedicava-se ao exame do lugar ocupado por aquele agrupamento no âmbito da sociedade capitalista. O autor repisava de início as conhecidas teses da Escola de Frankfurt, concernentes à função reprodutora do lazer e do tempo livre no restabelecimento do mundo do trabalho, concepção em que ficava patente a crítica dos meios intelectuais da "antiga" e da "nova" esquerda à prática futebolística. A par disso, o torcedor representava tão-somente a condição do homem-massa transladado para o ambiente esportivo. Reflexo de uma consciência fragmentada, ele extravasava sua hostilidade, insatisfação e frustração cotidiana sem compreender os mecanismos concretos que de fato o subjugavam. Tal visão descambava de maneira quase automática para o enquadramento dos esportes como mais uma das instituições propostas por Althusser na conceituação dos aparelhos ideológicos do Estado.

Em seguida, porém, o pesquisador acrescentava a seu repertório científico a contribuição antropológica de Radcliffe-Brown, ao salientar como as relações de amizade e inimizade, de conflito e complementaridade, de provocação e brincadeira verificadas entre as torcidas poderiam ser pensadas como pares de oposições. Estas dicotomias presentes nas sociedades complexas remetiam à maneira do funcionamento dos clãs totêmicos nas sociedades ditas primitivas, duais ou não-industriais. Sob a aparência de antagonismo com seus rivais, tais grupos nada mais faziam, no jogo e no esporte, do que forjar diferenças para em realidade se identificar mutuamente. Em última instância, tratava-se de um conflito integrador, de uma identidade por contraste, na busca

[24] Cf. CÉSAR, B. T. **op. cit.**, p. 109. Cf. também GEERTZ, C. "Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos em Bali". In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

pelos meios mais eficazes de assegurar o reforço da solidariedade e da cooperação grupal interna.

Apesar da introdução da antropologia social inglesa no debate, a problemática do pesquisador voltava sua preocupação primordial para o plano da discussão sociológica do marxismo. Se o autor não refutava, à primeira vista, a tese segundo a qual o futebol cumpria o papel de controle, manutenção e reprodução do sistema político-econômico, a consensual idéia de dominação poderia ser matizada sem se abrir mão da linhagem marxista de pensamento. A adoção do enfoque de Gramsci nesse sentido, muito em voga na época, legitimava-se na medida em que o pesquisador desvencilhava-se da percepção do torcedor isolado, atomizado, apreendido apenas em esfera individual, e passava a considerar a torcida organizada, uma entidade coletiva portadora de valores cujas ambivalências mereciam investigação.

A criação de um espaço de congregação por elementos marginalizados socialmente inseria as torcidas organizadas no mesmo rol das discussões do marxista italiano sobre as potencialidades e as limitações da cultura popular, da religião e do folclore. A título de esclarecimento cumpre dizer que, na linguagem marxista então empregada, o autor entendia por elementos marginais, marginalizados ou marginalizadores todos os indivíduos alijados das possibilidades de acesso aos bens e serviços da sociedade. À época, a expressão *maloqueiro*, por exemplo, já era empregada para designar a massa dos componentes dos Gaviões, por oposição aos quadros dirigentes da mesma torcida[25].

O estabelecimento de laços comunitários entre indivíduos desprovidos, no interior do futebol, permitia às torcidas uma tomada de consciência acerca de seu lugar na sociedade, seja reforçando-a, seja questionando-a. Ainda que esta reflexão se afigurasse débil e fugidia ao nível da transformação da estrutura social, ela constituía ao menos um canal de aglutinação, de expressão e de atuação em bloco por um grupo que reclamava distinção. A visão de mundo e a *práxis* torcedora, ao reunir anseios e expectativas difusas da vida social no mundo esportivo massificado, proporcionavam o compartilhamento de um conjunto de histórias, símbolos, ritos, linguagens, códigos e interesses

[25] Cf. CÉSAR, B. T. **op. cit.**, p. 158 e 159.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

comuns que as dotavam de peculiaridades e características próprias, erigidas com o tempo.

Benedito Tadeu César conclui seu trabalho com a postulação da existência de rudimentos de uma cultura popular *gaviã*, originada das camadas subalternas da sociedade, em meio às brechas abertas pelo Estado brasileiro, visto então como autoritário, capitalista e dependente. Por outras vias, chegava-se a uma concepção análoga à que já apontara Sérgio Miceli em seu texto de cunho ensaístico. Nos interstícios do sistema seria possível identificar as formas de resistências, com base em um conceito de *popular* definido como um processo sempre dinâmico e dialético, um terreno crivado de tensões, diferenças e conflitos. A posição do pesquisador evidenciava, ao menos, um avanço em relação ao ceticismo das Teorias Críticas do Esporte[26], fixadas no plano internacional em fins da década de 1960. Em que pese sua simpatia pelo movimento dos *gaviões*, perceptível nas entrelinhas do texto, o autor não deixava de explicitar seu distanciamento face à visão populista típica do ufanismo, que valoriza as manifestações oriundas do povo, definindo-as como intrinsecamente boas.

Um interregno de dez anos separaria essa pesquisa inaugural das torcidas organizadas no Brasil dos subseqüentes estudos acadêmicos sobre o tema no âmbito da pós-graduação. A década de 1990 acumularia uma série de discussões pautadas em acontecimentos transcorridos no curso do decênio anterior que modificariam o viés do debate delineado pelos intelectuais até então. O fenômeno continuava a circunscrever aspectos similares aos reportados pelos meios de comunicação nos anos 70, com destaque para os torcedores itinerantes que extrapolavam fronteiras territoriais em partidas decisivas. Os excessos na demonstração do fervor pelo clube passavam a assumir conotações negativas, de modo a preponderar sobre as tradicionais imagens de abnegação, sacrifício e altruísmo. Desta feita, as narrações jornalísticas das *invasões* de torcedores de uma cidade a outra, de uma região a outra, de um país a outro ou de um continente a outro eram substituídas por representações menos festivas e enaltecedoras.

---

[26] Cf. VAZ, A. F. "Teorias críticas do esporte: origens, polêmicas, atualidade". In: **Revista Esporte e Sociedade**. <http//:www.esportesociedade.com/>. Rio de Janeiro, nº 1. Acesso em: 22 de setembro de 2006.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

O foco agora estaria voltado para os distúrbios ocorridos fora do Brasil, em particular para aqueles irradiados pela mídia esportiva da Europa. Tais incidentes punham em primeiro plano os torcedores ingleses, cuja fama secular, que remonta a fins do século XIX, repontara na Copa do Mundo de 1966 e se estendera pela década posterior. A intensificação das viagens no circuito de competições daquele continente colocava à mostra o lado hostil de setores das torcidas britânicas, atingindo seu clímax no ano de 1985, com o drama televisivo conhecido como "a tragédia de Heysel". Fatais e dramáticas, as cenas da filmagem do esmagamento de milhares de torcedores italianos contra o alambrado de um estádio na Bélgica, que resultaria na morte de quarenta deles, momentos antes da partida final pelo Campeonato Europeu de Clubes, entre Juventus da Itália e Liverpool da Inglaterra, repercutiriam em escala mundial e viriam a representar um divisor de águas na percepção do tema[27].

A emulação da rivalidade entre nórdicos e latinos, entre ingleses e italianos, mais precisamente entre *hooligans* e *ultras*, vinha sendo incitada há alguns anos com ameaças mútuas e, de certa forma, tal tragédia já vinha sendo prenunciada nas temporadas anteriores. No ano de 1984, o mesmo Liverpool disputara a partida final contra uma equipe da Itália, a Roma, com o deslocamento de cerca de vinte mil torcedores ingleses para o Estádio Olímpico na capital italiana. O prenúncio de um desfecho trágico tinha ocorrido também durante o penúltimo jogo da Copa da UEFA, em 1984, quando os torcedores britânicos do Tottehan, à saída do jogo contra o Anderlecht, investiram contra automóveis, bares e vitrines de lojas na mesma capital belga, o que resultou em um total de duzentas prisões, fazendo a primeira-ministra Margareth Thatcher qualificar a onda de violência como "uma desgraça para a Inglaterra"[28].

Em sentido contrário, no início daquele mesmo ano de 1985, meses antes da *tragédia* em Bruxelas, parcela dos torcedores italianos havia tentado uma mobilização internacional com a realização de um inédito Congresso Mundial de Torcidas, em Roma, na Itália. A finalidade era promover o apaziguamento

[27] O escritor argentino Juan José Sebreli elaborou uma lista em que colige distúrbios desta natureza ao longo do século XX, centrado em informações veiculadas pela imprensa na Europa, na América Latina e, com maior ênfase, na Argentina. Cf. SEBRELI, J. J. "Fútbol y violencia". In: **La era del fútbol**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. Vale ressaltar ainda que uma cronologia internacional de guerras e massacres do século XX incluiria o futebol com a "tragédia de Heysel". Cf. SALGADO, S. **Êxodos**: leituras da imprensa. São Paulo: Bei Comunicação, 2000, vol.2.

[28] Cf. REVISTA PLACAR. "A torcida incendiária". São Paulo: Editora Abril, 01 de junho de 1984, n.º 732, p. 24-27.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

da crescente intolerância entre os grupos, que havia se tornado sistemática, contando inclusive com a presença no evento de um representante brasileiro, o paulista Matheus Rodak, então com vinte e cinco anos, ex-presidente da TUP, a Torcida Uniformizada do Palmeiras. Após a tragédia de Heysel os resultados se mostraram inócuos, sem surtir efeito, com o reconhecimento da generalização das brigas e com a incapacidade assumida pelos participantes do congresso de controlar o arrivismo e de encontrar um denominador mínimo consensual, mesmo em nível interno nacional[29].

Assim, depois de codificar e de espraiar as regras do futebol associado profissional no final do século XIX para parte considerável do mundo, os ingleses, na década de 1980, viam sua imagem atrelada à difusão de um modelo negativo de torcedor oriundo do seu ambiente esportivo: o *hooligan*. Diante dos princípios morais requeridos pelos esportes, a existência deste personagem no futebol moderno parecia a muitos um contra-senso, um anacronismo, um aparecimento extemporâneo. Quando não, soava um paradoxo enigmático a ser decifrado por um país que se acostumara durante muito tempo a cultuar a auto-imagem do cavalheirismo e que se via então constrangido pelo antípoda do lorde e do *gentleman* britânico apresentado ao mundo.

Em virtude disso, o contraste entre o *hooliganismo* e o caráter fleumático do inglês, com a imagem da frieza, da moderação e do elevado nível de autocontrole, receberia a atenção e o exame de expoentes da Escola de Leicester, notadamente dos alunos de Norbert Elias, adeptos de sua sociologia configuracional. No artigo *Football hooliganism in Britain (1880-1989)*, Eric Dunning e outros dois colaboradores mostravam de que maneira se deu na década de 1920 a invenção do *fair-play* e da fleuma no futebol da Inglaterra, como virtudes não apenas aristocráticas, mas essencialmente inglesas. Em um período auto-representado como "idade de ouro", foi criada uma oposição tanto entre este tipo ideal inglês e as paixões típicas dos latinos da Europa continental, quanto entre os civilizados ingleses e os supostamente bárbaros de origem britânica: escoceses, celtas e irlandeses[30].

---

[29] Cf. Id. "A guerrilha dos verdes". São Paulo: Editora Abril, 15 de março de 1985, n.º 773, p. 33.
[30] Cf. DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. **Football on trial**: spectator violence and development in the football world. New York: Routledge, 1999, p. 73.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

A polêmica em torno dos estereótipos tributados ao *hooliganismo*, dentre eles os de fanatismo, de irracionalidade e de selvageria, não se cingiu às explicações sociologizantes mais previsíveis e às ligações mais imediatas com as esferas políticas e econômicas do país, sejam as retrações do emprego, sejam os efeitos deletérios sobre a classe trabalhadora por parte das medidas liberais do governo Tatcher nos anos 80. As punições sofridas pelos clubes ingleses, impedidos de disputar torneios internacionais durante cinco anos, em virtude das brigas de seus torcedores na Europa continental, iriam ainda recolocar um amplo espectro de questões éticas sobre o agir humano em coletividade. A partir do futebol, grandes temas universais para o homem ocidental do século XX seriam retomados, a saber, a psicologia das multidões, a decadência do Ocidente, o choque entre civilização e barbárie, a xenofobia e a intolerância perante o outro.

É difícil averiguar em que medida a disseminação daquelas imagens trágicas transmitidas pela televisão teria afetado a conduta das torcidas organizadas no Brasil e no mundo, sem voltar a aventar as combalidas teses antropológicas do difusionismo. Não é fácil também saber até que ponto o tipo britânico do *hooligan* foi decodificado e passou a influenciar diretamente a postura de determinados torcedores no país. De maneira progressiva, face à nova realidade, verificou-se uma mudança de tratamento e uma diminuição no espaço dado a esses grupos pelos meios de comunicação. As limitadas reportagens a esse respeito passaram a concentrar seus interesses sobre os casos de desordem e tumulto por eles ocasionados. As expectativas do cenário nacional projetado em fins da década de 1970, com o paulatino restabelecimento da abertura rumo à democracia e com a reconquista da liberdade de associação, em que se inscreviam indiretamente as torcidas organizadas, não teriam correspondentes na década seguinte.

A despeito da participação popular, da reorganização dos partidos, da campanha em torno das *Diretas Já* e da promulgação da Assembléia Constituinte, os anos 80 seriam comprometidos por inúmeros desdobramentos advindos da política econômica antecedente, entre eles, a inflação, a dívida externa e a hipertrofia do aparelho estatal. Decorrência da migração desmesurada da região Nordeste para a região Sudeste e da explosão demográfica nas grandes cidades, muitas delas transformadas em metrópoles

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

caóticas, aquele seria um período de frustração para muitos, cognominado também de *a década perdida*[31]. A violência urbana viria a constituir a tônica da pauta jornalística e da preocupação governamental. O tráfico de drogas, que se alastrara nas áreas mais carentes, mobilizaria a maior parte do dispêndio de tempo da polícia, em uma rotina de confrontos, mortes e abusos de autoridade.

A crônica esportiva seguiria a tendência mais geral do jornalismo brasileiro, ao dar ênfase ao problema da violência e ao cobrar resoluções imediatas das autoridades competentes. As torcidas organizadas eram tratadas sob essa mesma ótica, passando a ser vistas à parte do mundo do futebol, e diferenciadas do torcedor comum. As matérias especiais a elas consagradas responsabilizavam as *facções*, como começavam a ser chamadas, nomenclatura sintomática do enquadramento corporativo-marginal que assumiam, por sucessivos atos de vandalismo. A recorrência de tais fatos ia montando aos poucos uma cronologia de transgressões, transtornos à ordem pública e pequenos delitos. A vinculação deixava, pois, de ser feita com organizações populares como sindicatos, escolas de samba e associações de bairro para estabelecer um paralelo mais direto com galeras e gangues de rua, com delinqüentes e pichadores, com lutadores de artes marciais e consumidores de droga, enfim, com todos os tipos desviantes identificáveis entre as camadas juvenis da sociedade.

O estigma se firmaria sobretudo entre 1988 e 1995, quando incidentes na capital paulistana ultrapassariam a conjuntura dos jogos e adquiriam ressonância nacional. O ano de 1988 assinalaria o falecimento de Cléo, presidente da Mancha Verde do Palmeiras, assassinado por motivos obscuros não desvendados pela polícia[32]. A premeditação do assassinato e a utilização de armas de fogo revelariam o grau de beligerância a que chegavam as rixas entre as torcidas organizadas, fato agravado ainda em razão de a vítima ser não

---

[31] Segundo Alba Zaluar: "Quando o povo unido comemorava as pequenas conquistas da democracia no início dos anos 80, não poderia imaginar que outros problemas por vir seriam tão mais difíceis e ardilosos a ponto de confundi-lo e desuni-lo nas décadas seguintes.". Cf. ZALUAR, A. "Para não dizer que não falei de samba". In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4, p. 246. Cf. também RODRIGUES, M. **A década de 1980**: Brasil, quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Editora Ática, 1994.

[32] Cleofa Sóstones Dantas da Silva foi assassinado no dia 17 de outubro de 1988 em frente à sede da Mancha Verde do Palmeiras. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1988, p. 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

apenas um componente mas o líder de uma das mais conhecidas e temidas agremiações do país. Fundada cinco anos antes, a Mancha era considerada uma das primeiras torcidas a surgir com o propósito explicito de autodefesa e de enfrentamento com as rivais, através da união de três pequenos grupos de palmeirenses, o Império Verde, o Inferno Verde e o Grêmio Alviverde. Segundo o depoimento de Paulo Rogério Serdan, um de seus fundadores: "Nós costumamos dizer que foi um mal necessário, porque a torcida do Palmeiras, antes da criação da Mancha, era uma torcida muito escorraçada. Era uma torcida que apanhava de todo mundo. Era uma torcida desacreditada." [33]. Morto fora das circunstâncias de uma partida, o caso de Cléo seria levado para o âmbito da criminalidade e da investigação policial. Transcorridos cinco meses do assassinato de Cléo, a revista *Placar* mostrava em reportagem como o inquérito 818/88 continuava sem elucidação, enredado nas malhas da burocracia.[34].

Já o ano de 1995 seria marcado por um acontecimento com impacto equiparável, em nível nacional, àquele gerado na imprensa estrangeira com a tragédia de Heysel. A gravação da final da II Supercopa de Juniores entre São Paulo e Palmeiras permitiria que as câmaras de televisão registrassem a invasão de campo das torcidas organizadas de ambas as equipes, a Independente e a Mancha Verde, em um enfrentamento com bastões, paus e pedras naquela que ficou batizada como *a batalha campal do Pacaembu*[35]. O episódio fez centenas de feridos e resultou na morte de um menor de idade, com o registro ao vivo de uma seqüência de cenas que seriam exibidas diversas vezes ao longo da semana. As discussões na imprensa escrita, falada e televisada acarretariam, por um lado, a sensibilização e a perplexidade de vários extratos alheios ao futebol com a gravidade da situação; por outro, ensejariam reações extremadas entre aqueles que viam no banimento das torcidas a providência mais adequada para conter a escalada da violência.

O panorama colocava a Academia em face de novas demandas da sociedade. Desde as primeiras incursões sobre o tema em fins da década de

[33] Cf. CASTRO, K. de. **Futebol brasileiro**: o gigante a despertar. Rio de Janeiro: Revan, 1994, p. 148.
[34] Cf. PLACAR. "O caso Cléo: inquérito passa de mão em mão". São Paulo: Editora Abril, 17 de março de 1989, n.º 979, p. 21.
[35] Cf. TOLEDO, L. H. de. "Identidades e conflitos em campo: a 'guerra do Pacaembu'". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1997, nº 32.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

1970, os estudos acadêmicos tinham de lidar com uma realidade social distinta da que se configurara até então. Por seu turno, a pós-graduação se consolidara no país com a diversificação das linhas de pesquisa, com a multiplicação de abordagens teóricas e com a coexistência de vários domínios na apreensão de um mesmo fenômeno, ao que se convencionou chamar interdisciplinaridade. A necessidade de produção de explicações sobre o comportamento das torcidas organizadas levou os pesquisadores a uma certa cautela em relação à maneira sensacionalista como setores influentes dos esportes encaminhavam a questão. Era necessária uma reconsideração dos pressupostos dos comentaristas esportivos na emissão de suas opiniões sobre o assunto. Os procedimentos mais elementares da atividade científica na interrogação de um objeto eram evocados, como o afastamento dos juízos de valor, a desconfiança perante as sentenças maniqueístas do senso comum e a adoção de uma atitude compreensiva, que ultrapassassem as posições meramente explicativas e judicativas.

A maior parte da produção científica brasileira sobre torcidas organizadas de futebol ficou concentrada no eixo Rio – São Paulo, onde a questão tinha maior visibilidade e de onde o modelo associativo se propagava. Entre as exceções, note-se uma dissertação de mestrado em antropologia defendida no Rio Grande do Sul no início da década de 1990, após um trabalho de campo realizado na Copa União de 1987 com as torcidas organizadas do Internacional[36]. Nos anos 90, o tema despertou interesse significativo entre orientandos da primeira geração de pesquisadores sobre futebol no Brasil, alunos de professores como Ronaldo Helal, Simoni Guedes, Waldenyr Caldas e Maurício Murad, com a abrangência de uma área diversificada de conhecimentos, tais como a Administração, a Antropologia, a Comunicação, a Educação Física, a Geografia, a Psicologia, o Serviço Social e a Sociologia[37].

---

[36] Cf. DIAS, C. O. **'Olê, olá, o nosso time tá botando pra quebrar'**: um estudo sobre torcidas organizadas no Brasil. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / UFRGS, 1991.

[37] A título de ilustração, é possível citar um exemplo por área de conhecimento, respectivamente: COSTA, A. L. "A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel". In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: s.e., 1995, nov./dez. TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS / Editores Associados, 1996. SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**: paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004. REIS, H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê, 2006. VALVERDE, R. **A metáfora da guerra**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Geografia / UFRJ, 2003. LUCCAS, A. N. **Futebol e torcida**: um estudo psicanalítico sobre o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Vista em seu conjunto, a maioria dos trabalhos de final de curso, das monografias de graduação e das dissertações de mestrado procurou refutar a visão corrente segundo a qual a violência seria uma patogênese social inerente aos membros das torcidas organizadas e uma característica exclusiva da contemporaneidade. As pesquisas acadêmicas demonstrariam de que maneira termos como 'patologia' e 'degeneração', este último típico da escola italiana de criminologia e das concepções de César Lombroso, Garofalo e Ferri, elaborados na virada do século XIX para o século XX, teriam sido incorporados pelo discurso da linguagem jornalística, de modo inconsciente ou não.

A demonstração contrária fundava-se em dados colhidos junto à própria imprensa em outros períodos históricos do futebol, quando também se noticiavam vários casos de desordem nos estádios. No Brasil, o depoimento de protagonistas do futebol que acompanharam os primeiros anos da prática mostrava quão suscetível ao conflito este esporte sempre havia sido. Segundo João Lyra Filho, ex-presidente do Botafogo e dirigente de várias entidades esportivas: "Às vezes as torcidas dos clubes ensaiavam arremedos de guerrilhas urbanas. Parte de uma saía à procura da outra para desforrar derrotas sofridas em campo."[38]. A inexistência de associações de torcedores organizados nessa época era um indício de como a violência constituía um elemento estrutural que transcendia grupos determinados e que estava presente em toda a história do futebol, com a alternância de conjunturas de ascensão e declínio, de expansão e retração, de estabilidade e anomalia. Ao paradigma de cariz racial e biológico assimilado pelos jornalistas, contrapunha-se um paradigma culturalista adotado pelos cientistas, informados pelas mais recentes teorias relativistas que, iniciadas na linguagem da Física, transladaram-se no século XX para o vocabulário das Ciências Humanas.

A Antropologia Social seria assim a principal enriquecedora do debate, ao se valer da etnografia e de seus axiomas e métodos clássicos – a pesquisa de campo, o relativismo cultural e o conceito de drama – para a captação do ponto

---

vinculo social. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Psicologia Social / PUC-SP, 1998. CURI, M. **Estrutura social das torcidas organizadas de futebol no Brasil**: suas conseqüências nos conceitos de serviço social a torcedores. Monografia de Graduação em Serviço Social: Universidade de Nuremberg, 2002. PIMENTA, C. A. **Torcidas organizadas de futebol**: violência e auto-afirmação. Taubaté: Vogal Editora, 1997.

[38] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1968, p. 10.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

de vista do nativo e para a compreensão de seus atos, com a exposição do sistema de rituais, de símbolos e de visões de mundo que norteavam esses heterogêneos agrupamentos sociais. Conceitos-chaves como *estilo*, usado inicialmente pelo Centro de Estudos Culturais de Birmingham para caracterizar a "cultura jovem", eram acionadas para dar conta dos padrões de sociabilidade e distinção entre subculturas juvenis de torcedores na metrópole. Os códigos de honra presentes nas torcidas organizadas passavam pela afirmação de valores viris, pela demarcação de fronteiras sócio-espaciais e pela construção de ideais de masculinidade, cujos traços de honorabilidade mais remotos e ancestrais poderiam ser localizados na herança legada pelas sociedades mediterrânicas, tais como a violenta *hybris* grega.

Para abordar a questão dos valores, a Antropologia Social, brasileira e latino-americana, teria como base as obras organizadas por John G. Peristiany, *Honor y gracia* e *El concepto de honor en la sociedad mediterránea*, em 1965 e 1968, respectivamente, nos quais contou com a colaboração de Julian Pitt-Rivers. O antropólogo Arno Vogel, por exemplo, estudou a entronização de categorias como respeito, honra e vergonha entre os torcedores brasileiros após o desempenho da seleção nacional nas Copas do Mundo de 1950 e 1970. Muitos estudiosos, inclusive argentinos, estenderam tal tipo de análise para o caso das torcidas organizadas[39].

A exacerbação do culto à superioridade do grupo diante do concorrente podia levar ao rompimento da estrutura mais geral de relação entre torcedores de equipes adversárias, que consistia nas gozações típicas do *parentesco por brincadeira*, para seguir a sugestão de Radcliffe-Brown, ou na dadivosa reciprocidade que unia as tribos e as sociedades, impedindo-as do massacre e do sacrifício desagregador, para falar com Marcel Mauss[40]. Em lugar relações das jocosas, o passo seguinte às provocações e às humilhações morais eram as agressões físicas, com a suspensão ou a alteração das formas ordenadas de competição que mimetizavam as regras derivadas da dinâmica disjuntiva do

[39] Cf. PERISTIANY, J. G.; PITT-RIVERS, J. (Orgs.) **Honor y gracia**. Madrid: Alianza, 1993. Cf. também. MOREIRA, M. V. "Trofeos de guerra y hombres de honor". In: ALABARCES, P. (Org.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005. Cf. ainda VOGEL, A. "O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional". In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982, p. 93.

[40] Cf. RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

jogo, tal qual apontada por Claude Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem*: enquanto nos ritos dos povos primitivos os grupos em disputa se diferenciavam para depois se igualar, os concorrentes modernos partiam de uma condição de igualdade para terminar a contenda ritual em uma situação desigual.

Afora as contribuições antropológicas, um trabalho sem tradição canônica, pouco conhecido no meio, explicitaria o potencial criativo possível na interpretação das torcidas como objeto de estudo. Originário da área de administração, André Lucirton Costa, em *A organização cordial: ensaio de cultural organizacional do Grêmio Gaviões da Fiel*[41], retomaria algumas características históricas desta torcida paradigmática para vê-la sob a égide da construção de um modelo brasileiro de gestão. Com o intuito de fiscalizar o Corinthians, os fundadores deste grêmio eram membros alijados do processo político de participação, em uma fase de transição, quando os elos comunitários do clube se esgarçavam em meio à crescente burocratização administrativa. A combinação entre a tendência à impessoalidade e a existência de uma direção personalista evidenciava não só as circunstâncias críticas atravessadas pelo clube, mas os impasses da transformação do futebol profissional no país como um todo. Os dilemas aproximavam o domínio futebolístico da discussão acerca do caráter contraditório da formação social brasileira, com as incongruências e os arranjos instáveis entre uma sociedade de fundo patriarcal e as demandas do capitalismo moderno.

Tal instabilidade estaria para o autor no cerne do *homem cordial* proposto por Sérgio Buarque de Holanda na década de 1930 para definir a personalidade típica do brasileiro, com a anteposição da emoção à razão, do costume à lei, das reações impulsivas às ações calculadas. André Lucirton Costa recoloca a importância dos afetos e das emoções assinalada pelo ensaísta para mostrar como o futebol permitiu a criação de novas formas de identidade coletiva no ambiente urbano, em substituição à perda de vínculos e referenciais no seio das pequenas comunidades de origem rural. As torcidas organizadas seriam uma contrapartida ao avanço da sociedade urbano-industrial e à profissionalização do futebol, no momento em que os componentes afetivos pareciam ser engolfados pela sobrevalorização dos interesses utilitários e

[41] Cf. COSTA, A. L. **op cit**.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

pecuniários[42]. Ao fazer da passionalidade a força motriz de sua existência, assentada em lemas altruísticos como "lealdade, humildade e procedimento"[43], os Gaviões da Fiel procurariam reaver princípios organizativos não mais propícios na vida social no interior do clube. Ao contrário de outras analogias já apontadas, o autor ressalta que o núcleo original dessas *organizações cordiais*, regidas pela participação voluntária e pelo élan emotivo, encontraria parâmetro em associações como as pequenas e médias empresas familiares no Brasil.

A análise de André Lucirton Costa sobre a experiência de uma agremiação brasileira dava contornos e colorações nacionais a um debate cujo eixo na Europa girava em torno da categoria *despossessão*. Conforme a expressão do sociólogo francês Patrick Mignon, a modernização dos clubes – expressa através dos patrocínios da televisão, das transações milionárias de jogadores, dos contratos internacionais e do aparecimento de novos agentes intermediários – implicava na apartação dos torcedores, com a diluição do caráter local do futebol e com a perda da influência direta da torcida sobre as decisões clubísticas. O traço forte da identidade do torcedor organizado seria, pois, a assimilação de uma postura reativa, de uma posição refratária às mudanças, de uma resistência deliberada às transformações em curso no universo esportivo moderno, com a inclusão da violência e do culto à força física nesse horizonte de descontentamentos. Uma versão banalizadora e anedótica desta teoria encontra-se no livro do jornalista norte-americano Franklin Foer, onde se salienta o perfil de um ex-líder *hooligan* do Chelsea e sua posição contrária à reformulação do clube nos anos de 1990, quando o futebol inglês adquire um caráter empresarial, assentado em patrocínios de companhias multinacionais.[44].

O segundo ensaio pouco comentado, de restrito teor exploratório, parte de uma via interpretativa centrada na psicanálise. Em *A psicologia da torcida*

---

[42] O pensador alemão Georg Simmel analisou as intrincadas e extensas relações entre os valores monetários e os valores afetivos, bem como a transformação dos meios em fins, com a invasão progressiva do dinheiro na vida moderna. Cf. SIMMEL, G. **Philosophie de l'argent**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987. Cf. também WAIZBORT, L. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.

[43] Cf. COSTA, A. L. **op cit**, p. 52.

[44] Cf. FOER, F. "O *hooligan* sentimental". In: **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

[45], Jacques Akerman põe em relevo os apontamentos de Freud acerca da análise do ego na identidade de grupo para compreender o funcionamento das massas e o movimento da multidão, tendo por base exemplos de instituições como o Exército e a Igreja. Como se sabe, a teoria freudiana tinha como premissa a idéia de que o ser humano agia segundo processos psíquicos inconscientes, cuja chave decifradora se encontraria em manifestações, em sintomas e em impulsos patológicos de origem sexual. Dentre estes processos, um dos que constituía ameaça à vida coletiva e à civilização dizia respeito ao escoamento pulsional da agressividade. Segundo Freud, a satisfação da pulsão agressiva tornava mais fácil a coesão entre membros de uma comunidade, uma vez que tal identificação não se fazia sem a exclusão do outro e sem a hostilidade ao diferente. A noção de "narcisismo das pequenas diferenças"[46], presente em *O mal estar na civilização*, era utilizada a fim de mostrar como a imagem e a potência aglutinadora de uma comunidade dependiam das rixas e das ridicularizações do rival antagônico, característica adequada à dinâmica de unificação e contraposição entre as torcidas.

A formação do grupo no pensamento freudiano pode ser inferida da estrutura do indivíduo, em que os mecanismos de identificação expressam a mais remota ligação emocional com outra pessoa. Um grupo se viabiliza e se constitui no momento em que um objeto, uma unidade de identificação, se coloca no lugar do ideal de ego. As torcidas fariam assim convergir para um ideal coletivo de grupo, em que o clube constitui seu principal objeto, vários ideais de ego individuais. O autor sublinha ainda que as proposições de Freud eram motivadas pela leitura da obra de Gustave Le Bon, escritor francês do século XIX preocupado com a passagem degenerescente de um comportamento individual racional para um comportamento coletivo irracional. Para este último, a alma coletiva seria aquela em que os indivíduos subtraem seus interesses pessoais conscientes em beneficio dos interesses coletivos inconscientes. Ao abdicar do uso da razão, a multidão era colocada pelo

[45] Cf. AKERMAN, J. **op. cit.**

[46] De acordo com as palavras de Freud: "Em outra ocasião, examinei o fenômeno no qual são precisamente comunidades com territórios adjacentes, e mutuamente relacionadas também sob outros aspectos, que se empenham em rixas constantes, ridicularizando-se umas às outras, como os espanhóis e os portugueses por exemplo, os alemães do Norte e os alemães do Sul, os ingleses e os escoceses e assim por diante". Cf. Ibidem, p. 94. Cf. também FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 71.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

oitocentista *fin-de-siècle* Le Bon no mesmo patamar de inferioridade das crianças, das mulheres e dos selvagens. Comandado por um líder de prestígio, sob o contágio de estados emocionais intensos e envolventes, que podem lembrar processos transitórios típicos da hipnose, por exemplo, o ser humano pauta sua ação em grupo de modo distinto dos procedimentos habituais do indivíduo no cotidiano, outro ponto verificável em casos extremos de embates entre algumas torcidas organizadas de futebol[47].

Salvo esses trabalhos pouco citados, sem maiores repercussões na fortuna crítica do tema, a produção acadêmica brasileira voltou-se para a absorção – às vezes crítica e reflexiva, às vezes automática e passiva – de teorias formuladas e reconhecidas em âmbito internacional acerca das torcidas organizadas. A assimilação seguiria duas vertentes majoritárias: uma oriunda da Sociologia, a outra da Comunicação.

A primeira delas compreendia a aplicação teórica do *processo civilizador* de Norbert Elias, elaborada nos anos de 1930, em pesquisas posteriores coordenadas pelo sociólogo alemão na Escola de Leicester sobre a gênese social dos esportes modernos na Inglaterra. Estes não seriam passatempos desinteressados de feição universal, mas parte de um lento movimento histórico de pacificação daquela sociedade operada entre os séculos XVII e XIX. Com a Revolução Gloriosa de Oliver Cromwell, as instituições parlamentares inglesas eram consolidadas e atenuavam a luta fratricida entre as linhagens políticas rivais. De modo correlato, a codificação dos esportes de acordo com leis e limites preestabelecidos formava uma cadeia de interdependência com a sociedade.

A homologia de regras na política e nos esportes condicionava a estabilidade entre os grupos oponentes, com a substituição da violência física – monopolizada de modo gradual pelo Estado – em favor da violência simbólica, a simular o combate e a sublimar a guerra. O jogo esportivo passava a ser um ritual de liberação controlada das emoções, onde seus praticantes deviam atingir seus objetivos mediante o exercício cada vez mais aprimorado do autocontrole individual. Já os espectadores eram atraídos pela busca da

[47] Uma introdução sumária ao pensamento psicanalítico freudiano sobre a vida em sociedade, notadamente sobre os conceitos de cultura e civilização, foi feita no Brasil por Betty Fuks. Cf. FUKS, B. B. **Freud & a cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

excitação e pela tensão agradável engendrada por uma partida, em moldes semelhantes aos apelos catárticos da tragédia grega descrita por Aristóteles.

O recrudescimento do *hooliganismo* no futebol durante a segunda metade do século XX representou um desafio e pôs à prova a teoria do sociólogo alemão na esfera esportiva. A manifestação de atos destrutivos e beligerantes nos estádios ia de encontro ao sentido evolutivo de contenção processual da força física e de aperfeiçoamento da autodisciplina requerida aos indivíduos na vida civilizada. Se Norbert Elias havia encetado as linhas mestras de sua sociologia do esporte nas décadas de 1950 e 1960, quando o problema começava apenas a se insinuar, seriam seus epígonos Eric Dunning, John Williams e Patrick Murphy[48] que se debruçariam sobre a aparente contradição entre os princípios civilizadores do esporte e as práticas antiesportivas de parcelas minoritárias radicais das torcidas britânicas. As considerações iniciais ponderavam a não linearidade do sentido tomado pelo curso da civilização, ele mesmo sujeito a momentos de *descivilização*, em que os mecanismos de controle sobre extratos diferenciados da sociedade revelam a sua ineficácia diretiva ou a sua incidência desigual.

Outra ponderação sustentava o *hooliganismo* como um fenômeno social que expressava tensões externas ao esporte, só de relance imanentes a ele, com a utilização do futebol para tornar-se visível socialmente na cena pública. O diagnóstico dos autores, baseado em levantamento histórico, em revisão da literatura e em observações pessoais, detectava o núcleo duro dos *hooligans* como frações juvenis saídas das camadas mais desprovidas da classe trabalhadora inglesa. A repetição do esquema divisório entre estabelecidos e *outsiders* fazia-se notar em tais segmentos excluídos que cultuavam um estilo agressivo e rude, onde o protótipo da macheza e da virilidade impunha-se tanto nas brigas quanto nos cânticos ofensivos, por vezes xenófobos e racistas, a denegrir o rival. O prazer da assistência a uma partida era deslocado com a canalização de energias nas estratégias excitantes de burlar o policiamento nas redondezas do estádio e de afrontar os adversários, jovens em geral provenientes da mesma classe social.

---

[48] Cf. DUNNING, E.; WILLIAMS, J.; MURPHY, P. "La violence des spectateurs lors des matchs de football: vers une explication sociologique". In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.). **Sport et civilisation**: la violence maîtrisée. Avant-propos de Roger Chartier. Paris: Fayard, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Já a vertente amparada nas teorias da comunicação via a emergência das torcidas organizadas na sociedade contemporânea como uma variante do estado de indefinição e da perda de referências sintomática da pós-modernidade. Seu ponto de partida eram as impressões e as sensações de mudança teorizadas por uma gama de autores europeus e norte-americanos, a partir da cunhagem do discutível termo por Jean-François Lyotard no final dos anos 60[49]. Entre o individualismo da modernidade e o anonimato da cultura de massas, a condição pós-moderna testemunhada na segunda metade do século XX movia-se no caos da fragmentação em que se estiolavam utopias políticas coletivas e projetos racionalistas de ordenamento urbano-industrial. Com a configuração de uma sociedade do espetáculo, o mundo se integrava através da televisão e das redes eletrônicas de computação, com o comprometimento da própria acepção de *real* e de *realidade*. As concepções de tempo e de espaço eram alteradas em prol de uma intensificação e de uma aceleração do universo virtual, onde o presente instantâneo impera sobre o passado e o futuro, ao passo que o local e o global articulam-se por meio da diluição das fronteiras nacionais e da crise do Estado-nação.

Tal conjunto de transformações afetava também a composição do núcleo familiar, com a alteração dos papéis paternos e maternos e das noções de masculinidade e de feminilidade. A idéia de juventude era atingida de igual modo em uma sociedade de consumo paradoxalmente permeada pela opacidade das mensagens imagéticas. A tendência do jovem foi a de se identificar com comunidades que se colocavam à margem de instituições tradicionais como a escola e a família. Da imagem romântico-marginal forjada pelo cinema nos anos 50, passando pela rebeldia estudantil politizada dos anos 60 e pela alternativa sensório-existencial dos anos 70, as décadas de 80 e 90 assistiram à cunhagem da metáfora das "tribos urbanas" para contemplar subgrupos juvenis periféricos denominados *punks*, *skinheads*, *darks*, *funkeiros*, entre inúmeros outros. A identidade grupal buscou na música, na linguagem e em slogans de vida, expressos em marcas visuais e epidérmicas, traços comuns de coesão e

[49] Cf. HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

sentido, a oscilar entre a recusa e a adesão aos valores dos meios de comunicação de massa e da sociedade mais ampla[50].

As mutações por que passava a sociedade também se manifestaram no futebol. O comportamento das torcidas organizadas poderia ser inscrito por autores como o escritor francês Michel Maffesoli nesse quadro contemporâneo que procura restaurar dimensões da sensibilidade coletiva entre os jovens através de uma revalorização do gregário, do instantâneo e do corpóreo. As torcidas organizadas reviveriam a efervescência de ações rituais ancestrais com características performáticas diversas da atuação do torcedor considerado como indivíduo isolado ou massa indivisa. De modo paradoxal, a entrada da televisão nas transmissões de futebol acentuaria o culto à auto-imagem, com a consciência de uma performance em que o desejo de reconhecimento, de prestígio e de visibilidade chega à escala do espetacular. Mesmo a exibição da violência encerraria uma ambivalência pós-moderna, pois revelaria o fascínio exarado entre tais indivíduos pelo simulacro e pelas tragédias humanas transportadas para a tela, como sustentava o niilista francês Jean Baudrillard ao tecer ilações entre futebol, terrorismo e mídia na tragédia de Heysel[51]. A necessidade de aparecimento nos *mass media*, seja por meio de manifestações festivas seja por meio de situações extremas, em que a guerra, o terror e o horror também adquirem virtualidade, coaduna-se com uma época de sobreposição da aparência à realidade, da estética à ética, dos fins aos meios.

*

A recapitulação histórica do fenômeno e a sucinta retrospectiva bibliográfica acima traçada são um preâmbulo, um quadro de referências preliminar, para a proposta a ser desenvolvida na tese que ora se apresenta. A existência de uma razoável produção acadêmica acerca da temática no país

---

[50] É válido consultar o ensaio do filósofo Emmanuel Carneiro Leão a respeito das oscilações da condição juvenil na sociedade de consumo. Cf. LEÃO, E. C. "Juventude e tóxico". In: **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1991, vol 1.

[51] Cf. BAUDRILLARD, J. "Mirroir du terrorisme". In: **La transparence du mal**: essais sur les phénomènes extrèmes. Paris: Galilée, 1990. O estudioso francês Philippe Broussard também corrobora tal visão: "Muito além dos limites do esporte, a atual violência dos *hooligans* é reveladora da evolução de uma parte da juventude européia, voltada para um mundo onde estão presentes, o tempo todo, tanto a violência quanto a imagem. Nos grandes estádios, freqüentemente, estes jovens encaram suas ações como um prazer ritualizado, uma aventura renovada semana a semana. Para esta geração, do *vídeo game* e da multimídia, a violência encontra-se tão banalizada, que aparece como um produto de *fast food*, logo consumida, logo esquecida...". Apud. AGOSTINO, G. **op. cit.**, p. 233.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

dispensa o tradicional costume de lamentar a condição de minoridade, de marginalidade e de menosprezo a que até pouco tempo atrás era relegado o futebol nos círculos universitários. Não obstante, no domínio estrito da História Social da Cultura, é forçoso reconhecer, sem cantilenas, a escassez de pesquisas sobre esportes, de uma maneira geral, e a inexistência de trabalhos sobre torcidas organizadas, em particular. Ela possui uma dupla implicação: de um lado, a aceitação tácita das cronologias dos fatos esportivos tais como estipuladas e demarcadas pelos jornalistas da área, o que veio a arraigar no senso comum uma concepção unívoca de história e de temporalidade histórica; de outro, a posição caudatária perante as explicações macro-teóricas já determinadas pelas Ciências Sociais, que ao longo do século XX assumiram uma posição de vanguarda na assunção de temas pouco reconhecidos em âmbito institucional-científico e na generalização de suas teorias sociais.

Em relação ao jornalismo, seria o caso de mencionar três exemplos: em 1951, Thomas Mazzoni, principal cronista esportivo de *A Gazeta Esportiva*, que assinava com o pseudônimo de Olimpicus, publicava o livro *História do futebol brasileiro (18940-1950)*; em 1969, João Máximo, editor de esportes do *Jornal do Brasil*, era responsável pela redação de quatro volumes de uma *História ilustrada do futebol brasileiro*; em 1980, Roberto Assaf e Clóvis Martins lançavam o livro *Campeonato carioca: 96 anos de história*.

Quanto à relação entre história e ciências sociais, é possível dizer que se tratava de questão antiga também. A concepção que acentua o historiador como um mero fornecedor de fatos, de exemplos e de ilustrações para a grade de referência teórica da antropologia e da sociologia pode ser remetida à obra de Lévi-Strauss e à sua formação filosófica. Desde pelo menos *Raça e história*, escrita para a Unesco no contexto subseqüente à Segunda Guerra Mundial, quando o autor estava empenhado na crítica à idéia de linearidade e de progresso, desenvolvia-se a visão de que a história era uma disciplina condenada à monografia e à ideografia[52]. Como resposta, buscava-se uma distinção de ordem metodológica: enquanto os historiadores partiam dos fatos para construir sua narrativa, os sociólogos tinham como ponto de partida os conceitos elaborados de antemão. Ainda assim, era forçosa a admissão de que a

[52] LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e história**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1975.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

historiografia do século XX havia sido condicionada pelo diálogo teórico com as Ciências Sociais, como atestavam os *Annales* e sua matriz durkeimiana[53].

Dentre as exceções no Brasil, a tese de doutorado de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, defendida no departamento de História Social da UNICAMP sob orientação de Maria Clementina Pereira Cunha e publicada em forma de livro sob o título de *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*[54], despontaria no terreno da historiografia brasileira na exata proporção em que conseguiria suprir essas duas carências assinaladas, quer no tocante ao jornalismo esportivo, quer no tocante à antropologia e à sociologia. A densidade da obra, alicerçada em volumosas fontes, permitiu retraçar o período histórico de implantação e de difusão do futebol na então capital da República, da *belle-époque* à Era Vargas, sob o prisma de atores sociais distintos dos que até então eram privilegiados. Amparado em fontes jornalísticas, Leonardo Affonso de Miranda Pereira propunha uma leitura histórica com lentes diversas das empregadas pelos cronistas esportivos e pelos sócios dos grandes clubes da cidade, notadamente pelos relatos contidos na memorialística da obra clássica devotada ao assunto, *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho. O papel deste jornalista afigurou-se central, tanto na promoção do jogo levada a termo entre as décadas de 1930 e 1960, quanto na capacidade de cristalizar em livros sua versão do curso histórico do futebol no Brasil.

Com o tempo, tais registros tornaram-se fonte quase exclusiva de referência ao tópico e mesmo cientistas sociais foram questionados por recorrer ao livro de forma por vezes pouco crítica. Este questionamento foi lançado no final dos anos 90 na tese de doutorado de Antônio Jorge Soares, do departamento Educação Física da Universidade Gama Filho, sob a orientação do antropólogo argentino Hugo Lovisolo, onde é posto em xeque o paradigma narrativo de Mário Filho e suas ambivalências no âmbito da literatura e da história, do fato e da ficção, do mito e da ciência. A crítica não chegava a ser

[53] Cf. DOSSE, F. **Histoire du structuralisme**. Paris: Éditions de la Découverte, 1991, p. 221. Cf. também HARTOG, F. "Le regard éloigné: Lévi-Strauss et l'histoire". In: **Évidence de l'histoire**: ce que voient les historiens. Paris: Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2005. Cf. ainda REVEL, J. "História e ciências sociais: uma confrontação instável". In: BOUTIER, J.; JULIA, D. (Orgs.). **Passados recompostos**: campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.

[54] Cf. PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

original, uma vez que a problemática seguia o debate semelhante a respeito da narração desencadeado na teoria historiográfica a partir dos anos de 1970, quando levantaria também inúmeras discussões.

Antes mesmo de a teoria literária norte-americana, liderada por Hayden White e Dominick LaCapra[55], explicitar a forma narrativa literária subjacente a todo discurso da história, o historiador inglês Laurence Stone, estimulado talvez pelo desejo de superar a voga estruturalista, seria responsável por vulgarizar o debate com a publicação de um controvertido ensaio intitulado "O retorno da narrativa", na tradicional revista *Past and Present*. Nele, o autor defende a idéia de uma reconciliação da disciplina com suas mais remotas origens e reivindica uma volta à suposta simplicidade herodotiana na "arte de contar histórias", quando ver e ouvir, quando *mythos* e *logos* não se encontravam ainda de todo dissociados[56]. Escusado dizer que o autor seria logo alvo de uma saraivada de críticas, reparos e retruques, dentre os quais uma resposta de Eric Hobsbawm no mesmo periódico. Guardadas as devidas proporções, a polêmica sobre o que Soares chama de "novos narradores acadêmicos", seguidores do viés de Mário Filho na abordagem do futebol, acendeu um análogo debate no meio intelectual brasileiro com direito a réplicas e tréplicas na revista *Estudos Históricos*, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro[57].

Com base na rememoração e em entrevistas feitas com atletas dos primórdios do futebol brasileiro, Mário Filho narrava como uma prática originalmente de elite seria apropriada pelas camadas populares em uma série de etapas que culminariam, ao fim e ao cabo, na ascensão social do negro no esporte, espécie de paráfrase da sua emancipação na própria sociedade. Ao compartilhar uma imagem harmônica e coesa de cultura com Gilberto Freyre,

---

[55] Cf. KRAMER, L. S. "Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra". In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

[56] Cf. HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 33 e 34.

[57] Cf. SOARES, A. J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Educação Física / Universidade Gama Filho, 1998. Cf. também HELAL, R.; GORDON JR., C. "Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional". In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. Cf. ainda MURAD, M. "Considerações possíveis de uma resposta necessária". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, n.º 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

autor do prefácio ao livro, Mário Filho sustentava uma visão triunfante do negro e um sentido redentor para a história. Sem negar a validade de muitos pontos da periodização estabelecida pelo jornalista, Leonardo Affonso de Miranda Pereira procuraria demonstrar a polissemia do jogo e as diversas possibilidades de percepção da sua apropriação entre outros segmentos da população carioca. Os pontos de vista dos trabalhadores e dos operários eram assim considerados no intuito de mostrar como diferentes práticas e tradições populares impregnaram o futebol de significados distintos daqueles preconizados pelo projeto oficial letrado, fator que gerou embates e disputas em torno do mesmo. Em sintonia com a perspectiva da escola marxista inglesa das décadas de 1950, 1960 e 1970, tendo à frente Christopher Hill, E. P. Thompson e Eric Hobsbawm, Leonardo Affonso de Miranda Pereira frisa a condição ativa da cultura operária dos *trabalhadores da bola*, partícipes ativos e não apenas tábula rasa do processo que transformou o futebol em instrumento galvanizador do sentimento nacional na primeira metade do século XX.

Ao salientar o conceito de cultura utilizado por esse autor brasileiro e por essa corrente historiográfica internacional, que privilegia os aspectos culturais conflitantes ante os conciliadores, os contrastivos ante os consensuais, os fragmentários ante os holísticos[58], o presente trabalho procura deslocar o foco de pesquisa dos campos de futebol para as arquibancadas dos estádios. O enfoque transita das práticas e representações dos protagonistas do jogo para a dos seus assistentes, mormente para aqueles que se dedicaram a torcer em grupo, de forma coletiva e associada, destacada dos demais, na contemplação do espetáculo esportivo, tal qual constituído no decurso do século passado. Homóloga à polêmica a respeito das origens sociais, raciais e profissionais dos atletas, bem como aos benefícios morais e pedagógicos do futebol para a formação do caráter do indivíduo na modernidade, a discussão relativa ao tipo de freqüência e de conduta esperada pelos que assistiam aos jogos foi uma questão presente desde a introdução do futebol no país. Em outras palavras, tratou-se de perceber quais padrões de comportamento eram aceitáveis e quais

[58] Dos expoentes da Nova Esquerda inglesa, no que se refere aos estudos culturais, é válida a citação Richard Hoggart e Raymond Williams, este último responsável por sistematizar com mais profundidade a concepção de *cultura* partilhada por aqueles autores marxistas. Cf. WILLIAMS, R. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Cf. também THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 22.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

tipos de composição social eram preponderantes entre os membros da sociedade que acorriam aos estádios de futebol.

Tais padrões e tipos variaram em conformidade com a dimensão e com o estágio de desenvolvimento assumido por esse esporte em suas diversas fases. A conotação aristocrata e burguesa do público esportivo no limiar do século XX, quando o futebol surgiu como um evento de distinção da alta sociedade em termos de linguagem, de vestimenta e de elegância, perdeu força porquanto o afluxo de torcedores se massificou e porquanto o futebol se profissionalizou, com a construção de estruturas físicas de maior envergadura para a recepção e para a incorporação de contingentes com os mais diversos perfis econômicos e sociais. O ato de torcer esteve vinculado às configurações do ato de jogar e também se tornou passível de apropriação por parte de setores populares, que tanto se adensaram no entorno dos campos quanto ingressaram nos gramados dos grandes clubes de futebol.

Assim sendo, eis as questões gerais norteadoras da presente tese: até que ponto o papel do torcedor, partícipe do futebol de espetáculo, delimitado inicialmente pelo projeto jornalístico-letrado, emerge de um interação direta com os meios de comunicação especializados ? Em que medida, ao se conjugar com a imprensa esportiva, ele entroniza as suas mensagens passivamente ou, por outra, as repele, as subverte e as reinterpreta ao seu próprio modo, ao contrário do sentido que lhe havia sido prescrito em princípio ? Sob o ponto de vista identitário, de que maneira determinadas formas coletivas de ver e de sentir uma partida foram construídas historicamente, tradicionalmente, de geração a geração, com parâmetros análogos à constituição da identidade de *classe* proposta por E. P. Thompson no prefácio ao seu livro clássico de 1963 sobre a experiência histórica dos trabalhadores ingleses[59] ? De que modo uma heterogeneidade de indivíduos, egressos das mais diversas extrações sociais, deu origem à formação de um determinando público futebolístico, sob a designação geral de *torcida* ? Que processo levou a que essa mesma torcida se desmembrasse e se seccionasse em grupos internos concorrentes denominados *torcidas organizadas* ? Como estas torcidas imprimiram suas marcas sociais no

[59] Cf. THOMPSON, E. P. **A formação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1, p. 09.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

universo do futebol ? De que forma se plasmou uma cultura material e simbólica no acompanhamento de campeonatos profissionais ?

Essas indagações preliminares permaneceriam suspensas em um plano genérico se não fossem reportadas a um espaço e a um tempo específico. A posição até certo ponto subordinada da História no interior das Ciências Sociais não nos fez abrir mão da necessidade de adoção de uma perspectiva interdisciplinar que dialogue com a tradição de estudos já consolidada acerca do tópico, nem tampouco nos fez prescindir das fontes jornalísticas e dos instrumentais sócio-antropológicos que ajudam a compreender a própria construção do objeto. Sob o estímulo de trabalhos como os de André Lucirton Costa, em que aspectos da discussão acerca do pensamento social brasileiro são requeridos para pensar certas manifestações do universo esportivo, o interesse aqui se volta para o processo de surgimento e de formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro, em um arco temporal que se estende entre as décadas de 1930 e de 1980.

Amparado ainda nos trabalhos dissertativos do antropólogo paulista Luiz Henrique de Toledo[60], que forneceu um arrojado instrumental analítico, da socióloga Elisabeth Murilho da Silva[61], que analisou de modo sistemático a evolução da representação das torcidas na imprensa paulista, e ainda da antropóloga Rosana da Câmara Teixeira[62], que circunscreveu as *torcidas jovens cariocas* como uma unidade identitária e um campo de estudo, procuro entender como tais agrupamentos adquiriram corpo, forma e identidade própria no futebol profissional do Rio de Janeiro mediante um discurso dialógico com os meios de comunicação, que urdiram os valores do amadorismo e do pertencimento clubístico, a fim de dar respaldo e reconhecimento à torcida no cenário futebolístico. Ao ethos amadorista, supostamente definido como intrínseco ao torcedor, agregaram-se conotações diversas ─ culturais, sociais e até políticas ─, que ora se entrosam ora se abalroam com os princípios esportivos e com os interesses econômico-financeiros que movimentam o futebol contemporâneo.

---

[60] Cf. TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS / Autores Associados, 1996.
[61] Cf. SILVA, E. M. da **As torcidas organizadas de futebol**: violência e espetáculo nos estádios. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais / PUC, 1996.
[62] Cf. TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. Prefácio de Rosilene Alvim. São Paulo: Annablume, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

A construção de uma *retórica da paixão*[63] passa pela conversão de afetos, qualidades e virtudes em lemas, cânticos, insígnias, entre outras formas de apelos coletivos, simbólicos e passionais. Tal retórica, construída em confluência com a linguagem midiática esportiva, legitima a ação desses grupos, confere-lhes singularidade e os diferenciam dos demais integrantes do meio, sejam os especialistas sejam os profissionais[64]. Em sua tese de doutoramento, *Lógicas no futebol*, o antropólogo Luiz Henrique de Toledo delimita três atores sociais em interação no cenário futebolístico: os profissionais, os especialistas e os torcedores. No presente, adota-se essa delimitação, sendo que as torcidas organizadas constituiriam um subgrupo do terceiro elemento.

As motivações para a pesquisa partiram ainda da necessidade e do desejo de aprofundar aspectos relativos à emergência de tais associações, cujas informações disponíveis são limitadas, restritas a considerações vagas ou encerradas na memória coletiva dos componentes dos grupos. Malgrado a exigüidade de dados, que contribui para cristalizar uma imagem pouco fundamentada das torcidas organizadas, com a contraposição entre um passado tido como idilicamente pacífico – uma idade de ouro, uma era de *fair-play* entre as torcidas[65] – e um presente tido como exclusivamente violento e decadente, acadêmicos oriundos das ciências sociais, como José Sérgio Leite Lopes, Luiz Henrique de Toledo e Maurício Murad[66], esquadrinharam um esquema com duas fases históricas correspondentes, por sua vez, a dois modelos consecutivos.

O primeiro se dá no início da década de 1940, quando despontam as primeiras entidades de torcedores, de caráter lúdico e espontâneo, ainda tênues em sua organização, conhecidas como Torcidas Uniformizadas, Torcidas Organizadas ou Charangas, pequenas orquestras musicais animadoras das partidas, que ocupavam as arquibancadas sob a orientação de um líder, possuidor de vínculos estreitos com o clube e com os meios de comunicação. O

---

[63] Cf. ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
[64] Cf. TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000.
[65] Cf. ASSAF, R. "Viagem à era do *fair-play*". In: **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 2001.
[66] Cf. LOPES, J. S. L. "Le Maracanã, coeur du Brésil". In: **Sociétés et représentations**. Paris: s.e., 1998, nº 7. Cf. também TOLEDO, L. H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 63. Cf. ainda MURAD, M. "Futebol e violência no Brasil". In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1996, n.º 3/4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

segundo remonta à virada dos anos de 1960 para os anos de 1970, quando são formados os embriões das torcidas organizadas propriamente ditas, tal como conhecidas nos dias de hoje, com o advento das Torcidas Jovens, que cindiriam a unidade interna das torcidas de cada time e instaurariam um ciclo de dissidências frente ao tradicional modelo de organização anterior, dotando-a de uma estrutura com maior complexidade e com maior autonomia face aos clubes. Sob uma visão macroscópica, tratar-se-ia de identificar a passagem da *carnavalização* para a *juvenilização* das torcidas organizadas.

Em um momento inicial, verifica-se a conformação de uma cultura de massas no Rio de Janeiro nas décadas de 1930, 1940 e 1950 e a extensão de seus efeitos na área dos desportos nacional. A massificação do futebol na capital da República vai passar pela edificação de praças públicas esportivas de grande porte e pela estruturação de um campo autônomo na área da comunicação – jornal e rádio – que se incumbem da tarefa de constituir uma assistência e um público ordeiro nos estádios. Estes setores vão fomentar o surgimento das torcidas organizadas, por meio da promoção de concursos, dentre os quais se destaca a *Competição de Torcidas*, instituída por Mário Filho em 1936, cujos quesitos estético-musicais tentam não só dar cor como modelar uma forma de conduta no espetáculo então almejado para o ascendente futebol profissional.

Em um momento seguinte, são verificados os desdobramentos e os impasses da instituição dessa cultura de massas esportiva nas décadas de 1960, 1970 e 1980. A amplitude e a ressonância logradas pelos esportes, com a entrada da televisão na transmissão dos jogos e com a criação de uma rede clubística nacional proporcionada pelo Campeonato Brasileiro, ensejam mutações na ordem de grandeza dos clubes e nas formas de identificação de seu público. Novas demandas de vinculação levam ao fracionamento das organizações torcedoras, que gozavam então de um *status* de homogeneidade, de exclusividade e de oficialidade perante os clubes. Fruto do crescimento e da disputa pelo poder de influência nos clubes, as torcidas organizadas desencadeiam fissuras nas formas de torcer, com a abolição do apoio incondicional como único desígnio associativo. A contestação, o protesto e a pressão figuram como novas formas de intervenção de grupos, que passam a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

apresentar de maneira progressiva um perfil juvenil majoritário em suas fileiras.

Esse segundo ciclo é descrito por jornalistas e por pesquisadores como a inflexão das torcidas uniformizadas às torcidas organizadas, diante da passagem de gerações que vivenciam distintas acepções no ato de torcer. E é aí, à luz deste momento crítico do final da década de 1960, quando irrompe uma fragmentação em parcela considerável do tecido social, a repercutir também no mundo dos esportes cada vez mais tributário da sociedade do espetáculo[67], que incide o desejo de aprofundamento de nosso trabalho. Em paralelo à discussão em torno de modelos sincrônicos, pretende-se um acompanhamento diacrônico e uma reconstituição mais pormenorizada do processo de formação dessa identidade juvenil, as Torcidas Jovens, que ambicionam subverter a dependência clubística e comunicativa forjada nos anos de 1940, atentando-se tanto para os discursos de ruptura quanto para as permanências verificadas no bojo de um movimento em contínuo intercâmbio com o contexto econômico, político e cultural da época.

Faz-se referência pontual a quarto associações: a Torcida Jovem do Flamengo, fundada em 06/12/1969, embora já existisse informalmente sob a designação de *Poder Jovem* desde 1967; a Torcida Jovem do Botafogo, criada em 09/09/1969, também já conhecida como *Poder Jovem* há pelo menos um ano; a Força Jovem do Vasco, criada em 1969, mas fundada oficialmente em 12/02/1970; e a Torcida Young-Flu, criada em 12/12/1970, mas antecedida pela efêmera *Jovem Flu*, de 1967. Através delas, o intento é ainda sinalizar para a importância de uma maior matização nas demarcações esquemáticas estabelecidas até aqui pelas pesquisas acadêmicas no que toca às torcidas organizadas, com a descrição e a análise da maneira pela qual as transformações foram percebidas por seus agentes em sua conjuntura.

A pesquisa empreendida no Arquivo Histórico do *Jornal dos Sports*, periódico que durante cinco décadas ocupou um lugar de proeminência entre os diários esportivos cariocas e que encontrou equivalente na capital paulistana

[67] A discussão em torno da passagem da massificação à fragmentação e o debate em torno da criação de uma sociedade do espetáculo articulada pelos *mass media* podem ser encontrados nas obras de Michel Maffesoli e de Guy Debord, respectivamente. Cf. MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Cf. também DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

com o jornal *A Gazeta Esportiva*, foi um dos fios condutores principais para a formulação das questões que serão desenvolvidas no decorrer deste estudo. Pivô da criação de concursos, sorteios e premiações no incentivo às torcidas desde os anos 30, este jornal pautou-se sempre pelo destaque dado à figura do torcedor, a quem cabia cativar não só como o seu potencial leitor mas também como a sua eventual notícia, chegando a ocupar algumas vezes o primeiro plano das manchetes. Tal como sugere o antropólogo José Sérgio Leite Lopes[68], a modernização do jornalismo esportivo nos moldes cunhados por Mário Filho correlacionava a implantação do futebol profissional no Rio de Janeiro à constituição de um público de massa que se tornasse, por extensão, seu principal consumidor.

As torcidas organizadas cariocas também são o subproduto desse projeto jornalístico que transfere para as arquibancadas a mesma lógica competitiva de dentro do campo e os mesmos critérios de animação já presentes no desfile das escolas de samba, concurso instituído pelo próprio Mário Filho no carnaval carioca desde 1932. À semelhança dos jogadores de origem negra que angariavam espaço nos grandes clubes, figuras anônimas eram elevadas à condição de personagens populares cuja função, ser "embaixador" ou "chefe de torcida", por exemplo, conferia-lhes autoridade e tornava-os referência no mundo esportivo. O espaço concedido às torcidas na preparação para os grandes clássicos e para as partidas decisivas permite a percepção do papel outorgado às lideranças torcedoras, convertidas também nessas ocasiões em atores, mesmo que coadjuvantes, sob o patrocínio dos meios de comunicação.

A pesquisa pretende avançar nessa linha de raciocínio ao constatar que tal cenário não vai se modificar com o falecimento e a saída de cena de Mário Filho em fins dos anos de 1960. Com a passagem da propriedade do *Jornal dos Sports* a seu filho, Mário Júlio Rodrigues, o periódico incrementaria ainda mais tal estratégia de incentivar e de fomentar as torcidas organizadas, com o aproveitamento da voga juvenil de contestação e de insurgência por que passava o Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo ocidental naquele momento. A política editorial do jornal procurou alargar o leque do seu público consumidor, em sua maioria constituído na faixa etária juvenil, com a associação do esporte

[68] Cf. LOPES, J. S. L. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, n.º 22.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

à juventude e desta, por sua vez, à educação, à arte e à cultura. A nova concepção levaria à confecção de vários cadernos especiais que valorizavam o vestibular e o movimento estudantil, então em grande efervescência. Dentre as inovações editoriais, em setembro de 1967 apareceria no interior do *JS* o suplemento *O Sol – o jornal do Poder Jovem*, espécie de oficina de reportagens, formada por uma equipe que mesclava famosos jornalistas, artistas gráficos, intelectuais e neófitos aspirantes na profissão.

Nessas circunstâncias, o jornal forneceria apoio e cobertura ao aparecimento de movimentos como o Jovem-Flu, o Poder Jovem do Flamengo e o Poder Jovem do Botafogo, estes dois últimos inclusive a se inspirar, ao que tudo indica e conforme sugere o paradigma indiciário de Carlo Ginzsburg[69], no bordão juvenil repetido com insistência pelo diário esportivo naquele período, "o jornal do Poder Jovem". A suspeita leva à hipótese de que as Torcidas Jovens nascem em estreita sintonia com aquele novo projeto jornalístico esportivo, a incorporar em sua retórica comercial a invenção de um estilo e de um modo de ser jovem, tal qual operado em escala internacional. Surgidos inicialmente sob a denominação Poder Jovem, os grupos de torcedores do Flamengo e do Botafogo alterariam logo a seguir o nome, com a designação específica de Torcida Jovem. Já a torcida do Vasco da Gama adotaria a nomenclatura Força Jovem, enquanto a torcida do Fluminense utilizaria a designação juvenil em inglês, Young-Flu, como uma forma de diferenciar-se tanto das suas oponentes quanto do movimento Jovem-Flu, que despontou no clube em 1967, sob a liderança de atores, artistas e músicos tricolores, como Hugo Carvana, Nelson Mota e Chico Buarque, entre outros[70].

Tais torcidas emergem sob o signo da inconformidade, quer no que tange à diretoria do clube quer no que tange aos veteranos chefes de torcida, com o favorecimento também da dramatização de um conflito de gerações, então em cena com as revoltas estudantis no Ocidente e no Leste Europeu, no plano futebolístico. Entre os exemplos de maior impacto e notoriedade, encontram-se o Maio de 68, a Primavera de Praga e as manifestações da sociedade civil norte-americana contra a Guerra do Vietnã, iniciadas na Universidade de

[69] Cf. GINSBURG, C. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
[70] Sobre este último movimento, ver o livro de memórias do jornalista Nelson Motta. Cf. MOTTA, N. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Berkeley, Califórnia; no Brasil, destaque-se a Passeata dos Cem Mil ocorrida no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 1968[71]. Da mesma maneira que os antropólogos valem-se de dramas e de processos rituais como momentos extraordinários da vida coletiva para pôr em evidência a representação que uma dada sociedade faz sobre si mesma, procurei deter-me em acontecimentos históricos amplamente reportados pelo *Jornal dos Sports* acerca das torcidas organizadas que extravasaram o cotidiano da crônica esportiva, invertendo o papel tradicional de espectadores e convertendo-os em atores no centro das atenções, com grande destaque no periódico.

Tais eventos dramático-jornalísticos, a ocupar as manchetes e a primeira página do jornal, põem em suspenso o lugar usual das torcidas organizadas como protagonistas de uma *festa competitiva*[72], que aliam a ambiência carnavalesca ao espírito esportivo. Seu enquadramento temporal, tal qual a pesquisa revelou, estaria situado entre fins dos anos de 1960 e início dos anos de 1980. Em 1968, como foi assinalado, assistir-se-ia à narração de inúmeros protestos de torcedores contra o desempenho das equipes, colocando tais grupos em posições de destaque no jornal, à medida que realizavam enterros simbólicos das diretorias dos clubes, passeatas dentro e fora dos estádios, pedidos de demissão de técnicos, apedrejamento de carros e entrevistas em emissoras de televisão para explicar os motivos da revolta.

Já entre 1981 e 1984, o jornal cobriria uma inédita onda de greves promovidas pela recém-criada Associação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, com a reivindicação da diminuição do preço dos ingressos nas arquibancadas. Os protestos abrangiam uma série de ações, que incluíam piquetes nas bilheterias para convencer os torcedores a não assistir aos jogos; freqüência apenas no setor menos oneroso do estádio, a Geral, onde faziam protestos com passeatas, faixas e palavras de ordem; e reuniões com o presidente da federação de futebol do estado, a FERJ, para o atendimento de suas solicitações. A ASTORJ participaria ainda da promoção do Simpósio da

---

[71] Cf. RIDENTI, M. "1968: rebeliões e utopias". In: REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. (Orgs.). **O século XX** – o tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, vol. 3.

[72] A expressão foi extraída do estudo de uma antropóloga a respeito do processo de produção material e simbólica do carnaval pelas escolas de samba do Rio de Janeiro. Cf. CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Funarte; UFRJ, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Paz em 1985 e do I Congresso de Torcidas Organizadas dos Grandes Clubes, realizado em Porto Alegre em 1987, na esteira da criação do Clube dos 13 e da Copa União. Contudo, a representação das torcidas organizadas nos meios de comunicação tornar-se-ia doravante unidimensional, com a recorrência quase exclusiva de notícias cuja dramaticidade remetia aos atos de vandalismo e à pecha de entidades essencialmente antiesportivas.

Longe de ser apenas um veículo neutro no registro de tal tipo de incidentes, o *Jornal dos Sports* era em parte responsável pela sua produção, ao abrir espaço, emular e atuar em determinados momentos como porta-voz das torcidas ou como mediador entre as entidades torcedoras e os representantes das demais esferas de poder do futebol. Este trabalho procura, no plano heurístico, reconhecer este periódico esportivo como ator social, vendo-o mais do que fonte ou meio para colher informações. Trata-se sobretudo de vê-lo como um objeto de investigação em si próprio, em consonância com uma linha de pesquisa historiográfica de estudos sobre a imprensa inaugurada no Brasil pelas historiadoras da USP, Maria Helena Capelato e Maria Lygia Prado[73]. Com base nela, o papel ativo central e estratégico desempenhado pelos meios de comunicação, e pelo jornalismo esportivo em específico, é reconhecido, com a observação de sua influência na elaboração de uma imagem específica das torcidas organizadas, porquanto ela repercute na forma como seus membros internalizam e elaboram sua própria identidade. A reconstituição de uma experiência histórica concreta permite a observação de como tal construção se deu até o momento em que a violência passa a ser a tônica dominante acerca das torcidas organizadas, colocando tais entidades na contracorrente dos imperativos financeiros, comerciais e morais assumidos pelo futebol[74].

À parte esses acontecimentos mais notáveis, estampado em manchetes epigramáticas, o *Jornal dos Sports* também propiciava a constituição de uma identidade torcedora em seu cotidiano, com a publicação diária de cartas de adeptos dos principais clubes em sua seção *Bate-Bola*, também conhecida

---

[73] Cf. CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. **O bravo matutino**: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980, p. XIX.

[74] Este último argumento foi desenvolvido por um sociólogo paulista. Cf. PIMENTA, C. A. M. "As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol". In: COSTA, Márcia Regina da. (et. al.). **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

como *Diário do torcedor*[75]. O recurso facultava a comunicação ordinária através da criação de uma espécie de fórum de discussão entre os leitores-torcedores. A divulgação e a promoção das atividades das torcidas organizadas – caravanas, encontros, anúncios, vendas, comemorações, filiações – dar-se-iam por intermédio desta coluna, equivalente à seção de opinião dos grandes jornais não-especializados. Ali se constituiria uma tribuna livre de debates, onde os torcedores trocavam idéias, comentavam os jogos, emitiam suas impressões a respeito de técnicos, jogadores e dirigentes, além de irmanar-se, rivalizar-se, congratular-se e ameaçar-se mutuamente. A leitura serial dessa interlocução permitiu a captação do modo como a identidade das torcidas organizadas foi sendo urdida diariamente entre as décadas de 1960, 1970 e 1980[76] e de como o torcedor organizado fez daquele jornal um espaço privilegiado para a elaboração da crônica do grupo a que pertencia.

Uma outra fonte descoberta na pesquisa junto ao *Jornal dos Sports* diz respeito ao acervo não-impresso existente em seu Arquivo Histórico, mais precisamente, às pastas catalogadas sob a rubrica Torcidas, com o material fotográfico publicado pelo jornal e, o que é mais instigante, com o material não-publicado. Os vários maços de fotos que encontrei à parte, onde se misturavam sem catalogação os selecionados e os não selecionados para a publicação, revelam as torcidas organizadas em ação não só nas sedes, nas arquibancadas e na concentração antes dos jogos, como também na redação do referido jornal ao longo da semana ou na véspera dos clássicos. Ao farejar a preciosidade do material, o que proporcionou de imediato a sensação de um achado à Ginzburg, não sem um quê detetivesco em meio às pilhas de fotos que se multiplicavam sobre a mesa de pesquisa, foi possível perceber como aquelas imagens deixavam entrever a maneira pela qual eram estabelecidas as relações de torcedores com jornalistas esportivos, sendo estes últimos os mesmos responsáveis pelas matérias a respeito das atividades das torcidas.

O grau de camaradagem compartilhado naqueles bastidores pelos representantes de torcida de clubes rivais era evidente, na participação em eventos festivos como a entrega de troféus, a promoção de debates e a

[75] Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 09 de junho de 1971, p. 08.
[76] Foi feito um levantamento serial diário dessa coluna tal como veiculada entre janeiro de 1967 e dezembro de 1984, além de leituras não sistemáticas de períodos que antecedem e sucedem estas datas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

comemoração de aniversários. A localização de tais pastas contrabalançou o malogro dos contatos e das incursões que empreendi a algumas sedes de torcidas organizadas do Rio de Janeiro, como as realizadas no Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra e no G. R. C. Torcida Jovem do Flamengo. Nelas, embora se encontrem materiais dispersos como revistas, jornais, cartas, fitas de vídeo e cadernos de fotos, a inexistência de fontes documentais mais substantivas e a suspeição com que são vistos indivíduos estranhos aos grupos dificultaram a realização de uma pesquisa serial e sistemática em seu interior. Assim, a título de exemplificação e de ilustração, imagens publicadas e não-publicadas pelo *Jornal dos Sports* vêm anexadas ao final da tese.

Além de apontar as conexões diretas entre jornalismo esportivo e torcidas organizadas, outro objetivo central da pesquisa dirigiu-se à figura do torcedor e, em particular, à figura do chefe de torcida. A tentativa de compreensão morfológica do funcionamento das torcidas levou-me a dedicar especial atenção à análise do papel desempenhado pelas suas lideranças. Em consonância com a perspectiva de Georg Simmel[77], segundo a qual a constituição e o crescimento de todo e qualquer grupo social põem em risco as fronteiras sempre tênues entre coesão e tensão, união e fragmentação, fechamento e abertura – o dilema, no limite, entre a preservação e a descaracterização das sociedades secretas, de seus rituais iniciáticos e de seu *esprit de corps* –, visa-se mostrar a inexistência de uma homogeneidade no interior desses agrupamentos, a despeito da presença catalisadora do líder. Em vez dessa aparente unidade, ressalta-se como o conflito e a concorrência são refletidos nas discordâncias em torno da figura do chefe de torcida. Em menor ou maior grau consoante cada agremiação, as disputas internas refletem por vezes uma descontinuidade entre as pretensões protopolíticas do núcleo dirigente da torcida e as aspirações difusas da base formada por seus integrantes.

Em sua dissertação pioneira, Benedito Tadeu César já remarcava as diferenças de comportamento e de discurso entre o que considerava a massa e a elite comandante dos Gaviões da Fiel, sendo a primeira composta por pequenos

[77] Cf. SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 34.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

auxiliares de escritório, vendedores, boys, balconistas, entre diversas outras profissões dos estratos mais baixos da sociedade e a segunda integrada por pequenos proprietários, advogados e estudantes oriundos da classe média. O antropólogo Luiz Henrique de Toledo também assinala que o perfil típico-ideal do torcedor organizado contemporâneo – jovem entre 14 e 25 anos, do sexo masculino, proveniente das classes populares, estudante que esporadicamente exerce atividade remunerada – não é aplicável de forma automática aos dirigentes das torcidas, pois o universo destes apresenta-se muito mais complexo do ponto de vista etário, geracional e participativo[78]. A escolha contempla a premissa de que os fundadores e os ex-chefes de tais grupos são portadores de um projeto de torcida que almeja timbrar um estilo próprio e diferenciado das demais agremiações, onde se imiscuem a identidade da associação e a *persona* do líder.

Dada a heterogeneidade estrutural e hierárquica das torcidas organizadas, sem negar todavia a circularidade existente em seu interior, a opção escolhida aqui foi a de concentrar o enfoque nesse indivíduo que ocupa a posição mais destacada na morfologia do grupo, por meio da obtenção de depoimentos e entrevistas. A concentração nas antigas lideranças de torcida viabilizou ainda um trabalho de análise do processo de construção social da memória nos moldes propostos no Brasil por Ecléa Bosi em fins dos anos 1970[79]. À luz da filosofia de Henri Bergson e da sociologia durkheimiana de Maurice Halbwachs, "as lembranças de velhos" examinadas pela autora mostravam como as transformações da cidade de São Paulo e da sociedade paulistana vinham inscritas na percepção individual do tempo por parte das suas depoentes.

A adoção de semelhante procedimento, com a obtenção de relatos junto a chefes de torcidas organizadas respalda-se e inspira-se em nível nacional também no exemplo do trabalho coletivo e institucional empreendido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, o CPDoc/FGV, núcleo iniciado em 1973 com a doação de arquivos privados de políticos como o ex-ministro Gustavo

[78] Cf. TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Huicitec; Fapesp, 2000, p. 230.
[79] Cf. BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Capanema e que se desdobrou até a recente série sobre a *Memória militar*[80]. Em esforço individual, e na outra ponta dos atores sociais focalizados, procurou dar-se acesso a um conjunto de informações sobre torcidas organizadas não registradas nos periódicos e que costumam ficar adstritas ao domínio oral das relações intergrupais. A aplicação de um método qualitativo de investigação, com a metodologia da História Oral inaugurada por Paul Thompson, possibilitou a observação do percurso trilhado por esses torcedores que ficaram à frente de tais agrupamentos, avaliando quais as motivações pessoais, quais as implicações sociais, quais os dividendos econômico-políticos estão em jogo com semelhante adesão.

Ao contrário das expectativas iniciais, os percalços no decurso do doutorado inviabilizaram a apresentação dos resultados da análise da transcrição das dez entrevistas gravadas com lideranças de torcida ao longo da pesquisa, o que se pretende fazer em outra oportunidade. À descrição de como foram forjados pela imprensa os perfis dos primeiros chefes de torcida no Rio de Janeiro, a idéia era a proposição de um quadro mais complexo com os fundadores e com ex-lideres de torcidas organizadas de diversas gerações por mim entrevistados: Sérgio Aiub, da Torcida Organizada do Fluminense e da Organizada Jovem-Flu; Banha, da Torcida Jovem do Flamengo; Tia Aida, da Torcida Organizada do Vasco; Armando Márcio Zucareli, do Poder Jovem do Flamengo; João Venâncio Cysne, da Força-Flu; Ricardo Muci, da Flamante; Seu Armando, da Young-Flu; Cláudio Cruz, da Raça Rubro-Negra; Roberto Monteiro, da Força Jovem do Vasco; e Capitão Leo, da Torcida Jovem do Flamengo. De todo modo, houve tempo hábil para esboçar o perfil biográfico dos dois primeiros entrevistados, o que vem exposto nos Apêndices da tese. A biografia sumária de Jaime de Carvalho, feita com base em informações recolhidas junto a antigos cronistas dos *Jornal dos Sports*, também aparece nessa seção.

Outra impossibilidade de execução no curso deste trabalho diz respeito à parte final da tese. Nas considerações finais, desejava alinhavar os principais pontos desenvolvidos nessa tentativa de compreensão da formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro entre as décadas de 1960 e 1980, sem

[80] Cf. D'ARAÚJO, M. C.; SOARES, G. A. D.; CASTRO, C. **Os anos de chumbo**: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

excluir em tal fechamento espaço a algumas ligeiras proposições e problematizações de ordem ensaística que sinalizam para o quadro internacional e para a situação contemporânea. Visava delinear o rumo tomado pelas torcidas organizadas a partir da década de 1980, com as possibilidades abertas pelas condições estruturais do esporte na contemporaneidade e pela integração esportiva efetuada pela televisão. À semelhança das táticas, dos sistemas e dos estilos de jogo inventados por jogadores e técnicos, clubes e seleções ao longo da história do esporte, como o futebol-arte e o futebol-força, as torcidas organizadas buscam também cunhar suas próprias *técnicas corporais* com base nessas categorias nativas tradicionais, que atribuem valor e instituem parâmetros nas formas de torcer mediante uma leitura particular do espetáculo esportivo. Donde se poderia conjecturar, a título de exemplo, a existência análoga de estilos de torcida em que ora se enaltece a força, através da contundência físico-viril de suas manifestações, ora se reivindica a beleza ritualística, por meio da expressividade coreográfica, plástica e performática dos cantos coletivos entoados nos estádios[81].

Até o momento, as torcidas inglesas, italianas e argentinas têm sido consideradas as matrizes fundadoras e difusoras na exportação de estilos nacionais de torcer, transpassando fronteiras e irradiando seus modelos para diversos países da Europa e da América Latina. Quanto mais o futebol de clubes tem adquirido uma dimensão global, através de uma rede de campeonatos em escala mundial, mais esses estilos de torcer são difundidos, o que favorece recíprocas influências extraídas do contato estabelecido nas viagens de acompanhamento do time em torneios intercontinentais ou das imagens projetadas pela cobertura televisiva. Uma compreensão não muito diferente das *culturas híbridas* de que fala o antropólogo argentino Nestor Canclini pode ser aplicada às torcidas na caracterização da sua contemporaneidade.

Ao palmilhar essa trilha, inspirava-me no último livro organizado por Eric Dunning, *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon* (2002), em que é apresentado um mapa atual das torcidas organizadas em

[81] Alguns estudiosos têm refletido acerca da dimensão estética do futebol. Cf. WELSCH, W. "Esporte: visto esteticamente e mesmo como arte ?" In: ROSENFIELD, D. (Org.). **Ética e estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Cf. também GUMBRECHT, H. U. **Éloge du sport**. Paris: Maren Sell Éditeurs, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

diversas partes do mundo, dos *barra-bravas* da Argentina aos *hooligans* da Inglaterra, dos *kutten fans* da Alemanha aos *tifosi* da Itália, dos *ultras* da Espanha aos *siders* da Bélgica, sem contar os grupos de torcedores do Leste Europeu, da Grécia e da Turquia[82]. Perseguia ainda uma reflexão apenas sugerida pelo antropólogo francês Christian Bromberger, com a indagação: estar-se-ia assistindo à criação de uma cultura internacional de jovens torcedores ? ("...il existe une culture vocale internationale du supporteur...").[83]

Para tanto, havia planejado, à guisa de conclusão, um breve esboço comparativo que permitisse cotejar a cultura juvenil de torcidas organizadas no Rio de Janeiro e em Paris, com base em atualização da bibliografia européia disponível, em leituras de periódicos e em observações feitas no período de estágio de doutoramento de seis meses na França, onde pude acompanhar o campeonato nacional francês e, em específico, o comportamento das torcidas do Paris Saint-Germain, um clube cujas associações de torcedores passaram por turbulentas transformações nas últimas décadas. Isto porque, entre janeiro e junho de 2006, estive vinculado à *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), mais especificamente, ao *Centre des Recherches sur le Brésil Contemporaine* (CRBC), sob a orientação do antropólogo Afrânio Garcia, mediante a obtenção de uma bolsa-sanduíche concedida pela Capes.

Assim sendo, o presente estudo está estruturado em um formato tripartite.

O primeiro capítulo, ***O chefe de torcida: entre vícios e virtudes***, propõe de início o estabelecimento de uma definição histórico-conceitual do torcedor de futebol. Com base em outras formas de assistência na história ocidental, questiona-se a visão do espectador condicionada exclusivamente pela analogia das funções catárticas do teatro grego, onde as energias internas contidas são extravasadas pela platéia como forma de neutralização da ordem social, o que põe em paralelo os espetáculos esportivos e os espetáculos artísticos. Entendido em um momento inicial como público observador e contemplador – a assistência –, é possível perceber a transformação da definição original em prol de uma nova acepção que salienta a sua dimensão interativa e participativa, em uma série de mutações e reviravoltas semânticas passadas pela categoria *être*

---

[82] Cf. DUNNING, E.; MURPHY, P.; WADDINGTON, I.; ASTRINAKIS, A. E. **Fighting fans**: football hooliganism as a world phenomenon. London: University College Dublin Press, 2002.
[83] Cf. BROMBERGER, C. HAYOT, A.; MARIOTTINI, J-M. "Allez L'O.M. ! Forza Juve !". In: **Terrain:** Cahiers du Patrimoine Ethnologique. Paris: s.e., 1983, n. 8, P. 35.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

supporter[84] ao longo do século XX. Ao franquear uma gama de significados, a materialização do pendor ativo no futebol do Rio de Janeiro dar-se-ia com o aparecimento das Torcidas Organizadas na década de 1940, como entidades destinadas a incentivar o clube. O fenômeno leva à invenção de um novo personagem no meio futebolístico, o chefe de torcida, liderança carismática reconhecida pelos torcedores de cada clube, erigida em autoridade moral das arquibancadas, responsável pela intermediação com o chefe de polícia, pela orientação dos espectadores e pelas campanhas de bom comportamento nos estádios. Nos relatos jornalísticos, tal sentido perduraria até a década de 1980, quando os chefes de torcida passam a ser vistos como portadores de modelos de conduta negativos, promotores de desordens, distanciados da maioria dos torcedores e mantenedores de relações obscuras com dirigentes esportivos de mentalidade amadora e provinciana.

O segundo capítulo, ***Microfísica do Poder Jovem***, analisa e descreve, passo a passo com as matérias jornalísticas, como o ciclo de formação de torcidas organizadas iniciado na década de 1940 encontrou seu ponto crítico em fins dos anos 60, com a irrupção de torcidas dissidentes que questionam as Charangas e as Torcidas Organizadas oficiais. Ao capitanear para si o discurso da juventude, expresso, promovido e incentivado pelas narrativas do *Jornal dos Sports*, os novos blocos organizados aglutinaram-se em torno do futebol com a encenação de uma querela entre velhos e jovens torcedores, que comporta de modo subjacente uma concorrência por espaço de participação na vida clubística. Na década de 1970, a consolidação das Torcidas Jovens dar-se-ia em meio ao intenso fluxo de torcidas de pequeno e médio porte que despontam a partir daquelas dissidências juvenis, passando a fundir em neologismos a identidade clubística à identidade territorial através da criação de inúmeras torcidas de bairro. Inspirada nos modelos sindicais e no padrão das ligas das escolas de samba, essa gama de torcidas tenta constituir, no início dos anos 80, uma associação que representasse uma força corporativa no interior do futebol, a Astorj. O objetivo da cúpula das torcidas fracassaria ao longo daquele decênio com o acirramento da rivalidade na base de seus integrantes.

[84] Cf. HOUCARDE, N. "La place des supporters dans le monde du football". In: **Pouvoirs –** Revue Française d'Études Constitutionelles et Politiques. Paris: s.e., 2002, n.º 101.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

O terceiro capítulo, ***Genealogia da moral torcedora***, aborda de início tanto algumas questões de ordem teórica sobre a violência quanto a evolução do discurso jornalístico sobre o assunto. Este se inicia com a preocupação em torno do comportamento humano nas grandes aglomerações públicas esportivas, uma derivação das questões referentes à idéia de "pânico moral" entre as multidões no século XX. Em seguida, o capítulo enfoca o discurso dos torcedores, com a identificação de pequenas ofensas morais que se acirram até atingir o planejamento coletivo de brigas e enfrentamentos entre estes. Nesta escalada em espiral, para usar os termos do sociólogo francês Dominique Bodin[85], as mesmas Torcidas Jovens vão crescer em alguns casos de forma notável, com a absorção de novos contingentes de torcedores e com a polarização de tal rivalidade crescente. Por fim, o capítulo lança luz sobre um conjunto de categorias morais construídas pelas formas coletivas de torcer nas praças de esporte, à maneira da circularidade entre cultura erudita e popular, entre escrita e oralidade, erigida nas praças públicas tais como descritas no contexto histórico europeu por Mikhail Bakhtin, E. P. Thompson e Carlo Ginzburg, entre outros, onde se fazem presentes padrões comunicativos baseados na provocação, na jocosidade e na obscenidade. Dentre as marcas e inovações gradativamente criadas pelas torcidas organizadas, algumas requerem atenção especial, como fenômenos relativos à moral presente na linguagem, na música e nas caravanas de viagem.

Essa última é entendida como uma missão torcedora, análoga à provação peregrina cristã, mas também como momento de suspensão da rotina, uma aventura passível quer de risco e perigo, quer de uma licenciosa permissividade. Nas viagens, começa-se também a vislumbrar determinados códigos coletivos de desvio e determinadas práticas comuns de transgressão, como os pequenos furtos em paradas de estrada. Os deslocamentos territoriais se tornam uma realidade identitária para esses grupos porquanto a década de 1960 assinala a alteração da escala de jogos, que passam da esfera clubística regional à nacional, propiciando às torcidas o estabelecimento de relações de convivência que extrapolam a comunhão circunstancial das partidas. Seu corolário são as viagens sistemáticas de acompanhamento do time, com a

[85] Cf. BODIN, D. **Le hooliganisme**. Paris: PUF, 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

tessitura de cadeias recíprocas de amizade e de inimizade, de hostilidade e de hospitalidade com torcidas de clubes de outras capitais, que variam conforme a disposição dos líderes das respectivas associações e o grau de rivalidade em que se encontram as equipes.

Assim como as caravanas, a técnica musical da paródia, com a incorporação de expressões vocabulares e de canções da cultura de massas no repertório das agremiações, especialmente os sambas-enredo dos anos 70, dentro do recorte temporal aqui proposto, será um elemento adaptativo e criativo das torcidas analisado. Esses agrupamentos de torcedores constituem corpos sociais que estabelecem novas formas de comunicação por meio de cânticos, xingamentos e palavras obscenas[86], o que canaliza a polifonia ruidosa das praças esportivas e imprime marcas diferenciadas às massas amorfas e ao fenômeno das multidões. Ver-se-á como o espaço público dos estádios é dotado de significados inauditos, com uma distinta semântica estatuída pelas torcidas, dentro da estrutura comunicativa elementar de interpelação e resposta, que revelam o seu caráter vital sempre dinâmico e instável, fluido e semovente...

Como em quase todos os trabalhos acadêmicos, o momento da escolha do objeto de pesquisa liga-se a critérios e interesses, conscientes e inconscientes, que atendem a motivações de ordem pessoal. Em nosso caso, não seria diferente, a opção seria condicionada por uma vivência em estádios que remonta à adolescência, mais precisamente, ao período em que ia aos jogos na companhia de meu pai e, depois, de colegas da mesma idade, em um ritual de socialização por que muitos jovens do sexo masculino costumam passar. Sem nunca ter pertencido a nenhuma torcida organizada, seriam entretanto estes agrupamentos uniformizados e compactos que faziam deslocar com freqüência minha visão do campo de jogo para a ambiência ao meu redor. À distância e ao estranhamento inicial perante o fenômeno, sucedeu-se uma aproximação paulatina, um querer conhecer mais, um querer indagar mais sobre quem eram aquelas pessoas que promoviam aquilo que considerava bonito, atraente e absorvente. Segundo as postulações do historiador francês

[86] Cf. Id. "Por que xingam os torcedores de futebol ?". In: **Cadernos de Campo**. São Paulo: s.e., 1993, n.º 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

Marc Bloch, a curiosidade é o primeiro estímulo da história, a que se junta em seguida o trabalho de pesquisa.[87].

Ao longo de duas décadas permaneci acalentando essa curiosidade e essa observação de modo informal, acumulando experiências, até que uma inquietação paralela sobreveio e colocou-se para a minha imaginação. Ela dizia respeito à existência daquelas torcidas no período anterior ao que tinha presenciado, quando o discurso e a prática da violência ainda não haviam se colado de modo tão peremptório à sua imagem pelos meios de comunicação e pelo senso-comum. Desejava saber como havia sido seu surgimento, quem estava por trás delas, como as gerações fizeram-na crescer, alternando e modificando as suas configurações com a passagem do tempo. O historiador literário alemão Hans Ulrich Gumbrecht chama de "aprender com a história" a este sentimento difuso: "... aquilo que nos orienta especificamente em direção ao passado é o desejo de atravessar o limite que separa as nossas vidas do tempo anterior ao nosso nascimento. Queremos conhecer os mundos que existiam antes que tivéssemos nascido, e ter deles uma experiência direta."[88]. O presente trabalho é fruto destas interrogações preliminares, deste interesse em fornecer respostas às inquietações de quem prefere saber o que se passa no burburinho das arquibancadas a saber o que ocorre dentro das quatro linhas do campo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0310346/CA

[87] Cf. BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 12.
[88] Cf. GUMBRECHT, H. U. "Depois de aprender com a história". In: **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 467.